

**JUVENTUDE E INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA:**  
caracterização de situações-tipo e organizações juvenis

# **Acampamento Intercontinental da Juventude do Fórum Social Mundial Porto Alegre**

RELATÓRIO DAS SITUAÇÕES-TIPO BRASIL

# Acampamento Intercontinental da Juventude Experiência de uma nova geração política

Nilton Bueno Fischer - UFRGS (Coord.)  
Ana Maria dos Santos Corrêa  
Márcio Amaral

Coordenação



Apoio



Setembro 2007

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>4</b>
<b>1 - Um estudo necessário: justificativa da situação-tipo .....</b>	<b>5</b>
<b>2 - Metodologia de pesquisa: condições do trabalho de campo .....</b>	<b>6</b>
<b>3 - AIJ: surgimento e construção de uma proposta .....</b>	<b>12</b>
<b>4 - Conceito de juventude .....</b>	<b>26</b>
<b>5 - COA: dinâmica interna .....</b>	<b>28</b>
<b>6 - A expressão pública da demanda .....</b>	<b>31</b>
<b>7 - O Acampamento Intercontinental da Juventude: uma demanda em perspectiva .....</b>	<b>32</b>
<b>8 - Mobilização para participação .....</b>	<b>33</b>
<b>9 - Análise do processo .....</b>	<b>34</b>
<b>10 - Considerações finais .....</b>	<b>35</b>
<b>Notas .....</b>	<b>38</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>39</b>
<b>Anexo I .....</b>	<b>40</b>
<b>AnexoII.....</b>	<b>45</b>

## Apresentação

O objetivo do presente relatório é descrever e analisar a experiência do Acampamento Intercontinental da Juventude, compreendido como uma situação-tipo, ou seja, contexto a ser analisado a partir das categorias e elaborações dos agentes sociais envolvidos nesse processo. A proposta é compreender como diferentes demandas juvenis foram expressas e encaminhadas na decorrência do processo, percebendo também desdobramentos nos campos de resistência, participação, relações com o poder público e processo de identificação<sup>1</sup> individual e coletiva.

Algumas características apresentadas nessa situação-tipo influenciaram a leitura e a sistematização desta pesquisa. O Acampamento Intercontinental da Juventude está atrelado ao processo do Fórum Social Mundial, evento que denominaremos do “mundo adulto” e que tem profundas relações e interlocuções com a situação-tipo. Além disso, estamos falando de uma experiência com cinco edições<sup>2</sup>, organizada por jovens ligados a diferentes experiências que discutiremos posteriormente, variando entre cinco e 11 dias de evento com a participação de um público estimado que variou de 2.500 participantes na primeira edição para 35 mil na sua 5.<sup>a</sup> edição, procedentes de diversos países.

Embora estudada no período de 2001 a 2005, essa situação-tipo envolve uma interligação sócio-histórica das possibilidades e limites dos projetos de matriz socialista e da socialdemocracia, somada com a retomada das lutas anticapitalistas, revoluções culturais e “do sonho de liberdade e paz” tematizados em escala mundial nos últimos 20 anos. Nesse sentido, a situação-tipo pode ser encarada como expressão constituinte de uma geração que vive em um contexto de transformações das esferas sociais e políticas, com predomínio de um modelo econômico-social hegemônico (capitalismo) e com novos contextos de resistência a partir da queda do socialismo. Encarado como um território de experiências de novas práticas sociais, o Acampamento constitui um importante e relevante espaço agregador desses projetos.

Iniciando-se com a apresentação da metodologia de pesquisa utilizada e recortes temáticos delineados, este relatório seguirá descrevendo o perfil dos jovens envolvidos no processo de organização do Acampamento, com conceituações sobre juventude, demanda expressa, processos de militância e protagonismo. Apresentará uma contextualização do surgimento do Acampamento e um resgate histórico e analítico do processo ao longo das edições, retomando relações com diferentes interlocutores e segmentos juvenis envolvidos. Seguiremos com uma análise de alguns conceitos relacionados com o processo (autogestão, horizontalidade, nova geração política, relação geracional e espaço de práticas sociais) e finalizaremos com algumas leituras e abordagens sobre todo o processo da situação-tipo. Tentaremos compreender a atual inserção dos jovens a partir das experiências vivenciadas no Acampamento, levando em conta também suas experiências anteriores (partidos políticos, movimento estudantil, pastoral e outros).

Além de uma leitura analítica, apresentaremos elementos de subjetividade que julgamos fundamentais nesse processo, ao perceber o quanto a situação-tipo está expressa na história de vida dos jovens entrevistados, presente em palavras, ações, opções de futuro, em prosa e poesia.

Temos clareza de que o objeto final deste relatório constitui um mapeamento inicial da situação-tipo. A partir deste trabalho, apontamos uma série de possibilidades de continuidade e aprofundamento, ressaltando a relevância deste estudo.

## I - Um estudo necessário: justificativa da situação-tipo

O Acampamento Intercontinental da Juventude foi um espaço organizado por jovens durante a realização das edições do Fórum Social Mundial, caracterizando-se como um território juvenil de práticas e experiências em torno de “um outro mundo possível”, permeado de conceitos, práticas, críticas e construções que expressavam a grande diversidade que formava aquele espaço.

A justificativa do Acampamento enquanto situação-tipo se fundamenta no fato de ser composto por uma convergência de diferentes agrupamentos juvenis, que podem ser aproximados em três campos de leitura:

- a) jovens de movimentos antiglobalização e anticapitalistas, expressos nas manifestações de Chiapas, Seattle, Gênova e Argentina;
- b) jovens de partidos e movimentos associados a um posicionamento político de esquerda (partidos políticos, movimento estudantil etc.);
- c) jovens de militâncias e organizações autônomas, ligadas às temáticas sociais e culturais específicas (Movimento Hip-Hop, Meninos e Meninas de Rua, Pastoral da Juventude, anarquistas etc.).

Além desses, temos os jovens de Porto Alegre, de outras cidades e países, que tinham no Acampamento um local de encontro, de satisfação de curiosidade, de experiências de transgressão, mas não os consideramos relevantes para este estudo. Muito embora, vale considerar, esse “tipo de jovem” tenha tido mais evidência na mídia, dado ao jeito “exótico” de manifestar seus comportamentos.

O Acampamento favoreceu a convergência desses diferentes grupos, mantendo sua identidade e posicionamento, não criando uma síntese única, mas uma leitura diversificada, fortalecida através de práticas sociais alternativas ao capitalismo que foram amplamente discutidas e postas em voga, caracterizando um espaço de congruência de intencionalidades, mas ao mesmo tempo de diálogo de diversidades. A reorientação das práticas dos organizadores durante a realização dos AIJ, por contrastes com suas trajetórias anteriores, tanto na militância partidária e estudantil e mesmo nos cursos universitários que freqüentavam, não foi sem custo, afetando tanto o plano pessoal como também o plano das inserções políticas. Isso se constatou nos diversos depoimentos durante as entrevistas quando esses jovens expressaram momentos de incertezas e revisão de suas práticas anteriores ao AIJ.

Consideramos que essa situação-tipo sinaliza o surgimento de outra relação de militância e protagonismo juvenil, diferenciada das práticas tradicionais da esquerda, mais aberta, democrática (não representativa) e horizontal em sua organização, relacionada com ações práticas e concretas, possibilitando a participação de indivíduos sem ligação institucional, relacionada com uma nova cultura política, como a apresentada por Tirelli<sup>3</sup>, com novas articulações em relação a estruturas tradicionais como partidos políticos, sindicatos, movimentos, Estado, entre outros. Em sua construção conceitual, vamos percebendo a influência e o acúmulo do movimento internacional de protesto contra as cúpulas capitalistas, constituindo uma continuidade do movimento global de resistência ao capitalismo. O fato de acontecer juntamente com o Fórum Social Mundial, evento de congregação de diversas experiências de esquerda do mundo, potencializava suas experiências e discussões.

A relevância da situação-tipo estudada pode ser compreendida por dois fatores:

- a) por representar a organização política e social de jovens em torno da construção de um espaço de experiência de práticas anticapitalistas, convergindo em expressões de militância e resistência a um complexo sistema hegemônico no qual estão inseridos (capitalismo);
- b) por ter o reconhecimento do “mundo adulto” que interagiu com a juventude do AIJ e percebeu a potencialidade de uma “nova geração política” que representava entre 25% e 30% dos participantes do FSM e revelava também uma nova forma de fazer política, com mais ou menos consciência de todas as suas repercussões, conforme vamos trabalhar ao longo do texto.

A relevância também se relaciona com uma categoria de análise que tentamos trazer para essa situação-tipo: tempo e espaço.

O Acampamento transcende as noções de um evento episódico; ele se realiza com a média de duração entre cinco e 11 dias (variação conforme a edição), considerando elementos de convivência dos envolvidos nesse período e no processo de organização do Acampamento, que se torna um processo dinâmico que envolve os jovens o ano inteiro, em especial por parte dos membros do COAIJ – Comitê Organizador do Acampamento Intercontinental da Juventude.

Ao longo das edições e a partir dos documentos e depoimentos dos jovens, vamos percebendo um considerável crescimento do Acampamento, tanto como proposta (objetivos e realizações) como em aspectos quantitativos e sua conseqüente complexidade. De um lado, o número de participantes como os 2.500 na primeira edição até os 35 mil na quinta edição, representando um crescimento de 1.400%. De outro, as demandas do Acampamento relacionadas à materialidade, com o objetivo de garantir a infraestrutura do espaço e todos os serviços derivados disso (alimentação, saúde, segurança, feira, projetos alternativos de geração de renda, construção etc.).

Com relação ao espaço, temos duas considerações importantes. A primeira, o Acampamento acontece dentro de um espaço público de Porto Alegre, um parque no centro da cidade, envolvido pela dinâmica urbana, freqüentado por famílias nos fins de tarde e finais de semana, por moradores de rua, pessoas da periferia, entre outros. A segunda, o Acampamento torna-se um território juvenil diferenciado, com organização e gestão semelhantes às de uma cidade, com sistemas de segurança, alimentação, comércio solidário, espaços bioconstruídos e plano diretor de ocupação dos espaços. Não é um território fechado, embora demarcado, mas com uma “porosidade”, que se relaciona com a cidade e seus moradores.

Esses são os elementos que constituem a situação-tipo que iremos analisar no seguimento do texto. É importante destacar que, perante o grande número de participações no Acampamento (35 mil jovens na última edição) e de representações juvenis presentes (grupos, movimentos e indivíduos), analisamos o processo a partir de um grupo específico de jovens que organizou o Acampamento e suas edições, formando o COA (Comitê Organizador do Acampamento) e estava presente em todo o processo e em todas as edições nacionais. O número elevado de participantes e organizações dificultariam a elaboração de um recorte representativo da experiência, indo além das possibilidades de tempo e espaço que esta pesquisa compreende. Entendemos que, ao trabalharmos com o COA e outros interlocutores, nos aproximamos do objetivo proposto, que é compreender a situação-tipo por meio dos agentes sociais envolvidos no processo.

## **2 - Metodologia de pesquisa: condições do trabalho de campo**

### **2.1 - Procedimentos**

Como afirmamos anteriormente, ao realizarmos a primeira coleta de dados para estudo dessa situação-tipo, percebemos que precisaríamos fazer um recorte em relação ao objeto de pesquisa, visto que o Acampamento, por sua dinâmica, envolve uma série de segmentos e organizações juvenis brasileiras e de outros países, além do significativo número de participantes envolvidos. Relacionando isso com os limites da pesquisa (tempo, foco, objetivo) e com os poucos dados estatísticos disponíveis sobre número de participantes e organizações, bem como referências e cadastros, sentimos a necessidade de restringir o foco de pesquisa a atores mais relevantes nesse processo.

Dentro desse universo, estabeleceu-se um recorte específico a fim de circunscrever melhor nossa análise. Focamos como objeto para análise o Comitê Organizador do Acampamento Intercontinental da Juventude<sup>4</sup>, formado por jovens de diferentes comissões que organizavam o Acampamento. Para estabelecer esse objeto, levamos em conta dois fatores centrais: primeiro, não tínhamos meios para trabalhar com a grande diversidade de jovens que participaram do Acampamento pela sua dimensão e para não correr o risco de ampliar demais os focos e possibilidades de pesquisa; em segundo lugar, tínhamos interesse no processo de construção do Acampamento, como foi se estabelecendo enquanto proposta que nascia de demandas específicas, e nesse sentido esse grupo é o que tinha melhor domínio dessa abordagem por ter vivenciado o processo do Acampamento desde o início.

Nossa proposta como pesquisa era perceber a dinâmica desse processo em torno de uma demanda específica, buscando compreender conceitos, motivos, movimentos, ações propostas, direitos reivindicados, entre outros elementos. Sendo assim, restringimos nosso foco de pesquisa mais ao processo do Acampamento (surgimento, organização, experiências, práticas, desafios

etc.) do que aos inúmeros grupos e organizações juvenis participantes. Como contraponto a essa visão apresentada pelos jovens, buscamos interlocutores na mídia, entrevista com representante do fórum, entidades e movimentos em paralelo à organização, e fontes escritas, como bibliografia e estudo documental.

Sendo assim, definimos os seguintes passos para organizar nosso trabalho de pesquisa:

- **Entrevistas individuais e coletivas:** totalizando 15 horas de entrevistas (sete horas de individuais e oito de coletivas) com jovens integrantes do Comitê Organizador do Acampamento Intercontinental da Juventude, jovem representante do Movimento Hip-Hop, grupo ligado à diversidade sexual, grupo pastoral e membro integrante do COI e COB do FSM.
- **Entrevistas virtuais:** devido ao grande interesse manifestado por outras pessoas e organizações ligadas ao processo do Acampamento em contribuir neste processo, elaboramos um instrumento virtual de pesquisa com algumas perguntas de orientação para serem escrita na forma de um relato. O instrumento se faz necessário devido à distância que alguns desses participantes se encontram de Porto Alegre, alguns até na Europa, o que inviabiliza outro meio de pesquisa. Dos 15 e-mails enviados recebemos somente o retorno de uma pessoa que foi integrante do COA e trouxe importantes elementos para a nossa análise. Os demais manifestaram o recebimento do material, sem entretanto enviar retorno com conteúdo solicitado.
- **Pesquisa documental:** tendo visitado o acervo de documentos do Acampamento, localizado no Instituto de Arquitetos do Brasil (Porto Alegre), na guarda de membros do COA tivemos acesso a um grande número de documentos na forma de relatórios, projetos, entrevistas, jornais, textos formativos e informativos, científicos, e-mails, fitas de vídeo, fotografias, panfletos e outros, alguns em estado precário de conservação e organização. A maior parte do material que analisamos estava na forma virtual e foi gentilmente disponibilizada. Não existe arquivo organizado do material do Acampamento; a maior parte do que existe se encontra em poder dos próprios participantes das comissões do Acampamento. Mesmo o escritório do Fórum Social Mundial não possui acervo sobre o Acampamento.
- **Clipagem nos periódicos de imprensa:** coletamos notícias dos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* acerca do Acampamento nos anos de 2001, 2002, 2003 e 2005. O acervo pesquisado encontra-se no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, totalizando 178 ocorrências registradas por fotografia digital. Isso representou 60 horas de trabalho para coleta, sistematização e extração dos dados para serem incorporados neste relatório.
- **Pesquisa virtual:** coleta de dados, conteúdos e informações disponibilizados na internet em diversos sites com ocorrência do tema, pesquisados nos meses de maio e junho.
- **Pesquisa de palavras recorrentes:** com base nos documentos disponibilizados e na transcrição das entrevistas, realizamos uma pesquisa de ocorrência de termos e conceitos mais utilizados, a partir do radical da palavra e complementos. Essas palavras foram escolhidas pela sua incidência e repetição nos diversos documentos que serviram de apoio para este relatório: documentos enviados pelo representante do COA, pelos textos derivados da transcrição das entrevistas e também pela cópia de parte da clipagem feita nos jornais de Porto Alegre (*Zero Hora* e *Correio do Povo*).

Na execução das tarefas da pesquisa, tivemos dificuldade de acesso a algumas pessoas referenciais de alguns grupos e organizações juvenis, devido ao tempo de ocorrência da última edição do Acampamento (2005) e o distanciamento dessas pessoas das temáticas e organizações de origem, algumas se encontrando até fora do país. Muitos contatos foram estabelecidos virtualmente e por telefone, mas sem sucesso para a participação na coleta de dados.

Pensamos que esse recorte consegue nos dar uma visão ampla sobre o Acampamento, valorizando-o como expressão juvenil e problematizando a imagem que foi transmitida pela opinião pública acerca dessa situação-tipo a partir do que era divulgado na mídia gaúcha. Os jovens do Comitê Organizador tinham clareza de que a proposta do Acampamento não atingia os jovens como um todo, pois era necessária uma disposição à auto-organização e à participação que não estava presente em todos os participantes do Acampamento. Isso é possível verificar pelas incidências na mídia, que muito divulgou opiniões de jovens porto-alegrenses que vinham no Acampamento procurando as “festas e baladas”, como na internet (opiniões transcritas em sites de relacionamento), pelas entrevistas e avaliações a que tivemos acesso. Nossa intenção é valorizar a experiência e problematizar o seu estereótipo.

## 2.2 - Perfil dos participantes do Acampamento

O número de jovens participantes do Acampamento indica o quanto essa experiência foi crescendo em participação e representação. Destaca-se o elevado contraste entre o primeiro Acampamento (2001) e o segundo (2002), mostrando crescimento de 500%. Nos seguintes, o percentual foi em torno de 50%. Se compararmos a participação dos jovens acampados com os participantes do fórum, teremos uma parcela de cerca de um terço dos participantes.

**TABELA I**  
**NÚMERO DE PARTICIPANTES JOVENS NAS EDIÇÕES NACIONAIS DO AIJ**

Ano	Participantes		AIJ	Crescimento (relação à edição anterior)	N.º de dias	Jovens no FSM (%)
	FSM	Crescimento (relação à edição anterior)				
2001	20.000	–	2.500	–	–	12,5
2002	50.000	250	15.000	500	5	30
2003	100.000	100	23.000	53	11	23
2005	155.000	55	35.000	52	5	23

Fontes: documentos cedidos pelo COA; jornais clípidos e pesquisas quantitativas realizadas pelo Ibase.

## 2.3 - Os acampados representam a diversidade do AIJ

Em sua origem, no primeiro Acampamento, eram em sua grande maioria brasileiros, predominando ainda a demanda por participação nas instâncias formais do FSM segundo os critérios clássicos de representatividade e delegação. Na dimensão concreta para a participação o “Acampamento” teve uma função mais de “hospedagem possível” para todos (diante dos custos e falta de outros locais para receber tantos jovens).

No segundo AIJ, os acampados são oriundos de 43 países de todos os continentes e já com a “marca” de um significado político, para além da hospedagem, como uma “cidade” mesmo efêmera.

Já no terceiro, consolida-se a “marca” de ser território, dessa cidade como espaço político, da diversidade cultural e também aumentando a representação internacional. No quinto Acampamento, a origem dos participantes continua representando uma enorme diversidade de locais; são provenientes de inúmeros países conforme pesquisa amostral realizada pelo Ibase<sup>5</sup>.

Predominou a tendência registrada também na composição daqueles que participaram no FSM: o país sede, Brasil, com 61,2%, seguido dos países do Prata, Canadá, Chile e Estados Unidos. Essa população juvenil representou, segundo essa mesma pesquisa, cerca de 22,5% do total do FSM. Além disso, há uma circulação de jovens provenientes dos mais diferentes coletivos, como Aldeia da Paz, Movimento Paulo Freire, que se alocam em inúmeros espaços criados, como o Laboratório de Conhecimentos Livres, o Espaço de Saúde e Cultura Ernesto Che Guevara, seguindo a tradição de 2003 a partir da Tenda Galáctica. Com base nesses dados, podemos imaginar a grande diversidade cultural que se formou nesse território, onde diferentes idiomas, trajetórias, inserções, costumes e identidades culturais se relacionavam e conviviam.

A diversidade também é expressa pelas inúmeras experiências de militância e inserção dos jovens, ligados a movimentos internacionais anticapitalistas, movimentos sociais, estudantis e independentes, juventudes partidárias, juventudes ligadas a pastorais e Igrejas,

grupos e expressões culturais, entre outras identidades juvenis. São diferentes expressões juvenis que se manifestam: os intelectuais, os militantes, os poetas, os loucos, os mochileiros, turistas e curiosos, os estudantes e universitários, os festeiros, os engajados, os artistas, os místicos, “pastoralistas” e religiosos, os jovens da periferia, do hip-hop, os meninos e meninas de rua, os rebeldes, os punks e anarquistas, entre tantos outros, que tinham no Acampamento um espaço de reconhecimento de suas identidades e de construção de sua expressão, um espaço lúdico de festa, dança e arte, de resistência ao modelo capitalista neoliberal de sociedade, espaço de construção de práticas para além do teórico. Identificavam-se pela diversidade de possibilidades daquele território constituído.

## 2.5 - Perfil dos jovens entrevistados

Percebemos importantes características no perfil dos jovens que fizeram parte do Comitê Organizador e foram objeto de nossas entrevistas. A sua composição foi predominantemente de estudantes universitários, classe média, moradores de diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul (poucos da capital), com larga experiência nas suas inserções junto ao movimento estudantil, com militância em partidos políticos (predominando o Partido dos Trabalhadores) e também com cargos exercidos na máquina pública de governos populares (municipal ou estadual). Existe uma proporção entre homens e mulheres e a maioria se encontra numa faixa etária entre 20 e 35 anos.

A maioria desses jovens tem em seus pais<sup>6</sup> o registro de uma experiência de militância ligada a partido político e/ou movimento estudantil, o que representa um acúmulo nessa questão e um rompimento geracional, visto que ao longo do processo as relações de militância vão se modificando. Outro elemento que chama atenção é a migração: a grande maioria é proveniente do interior do estado, tendo vindo posteriormente para Porto Alegre motivada pela experiência do AIJ, da possibilidade de ampliação dos estudos acadêmicos e de conseguir trabalho.

## 2.6 - A temporalidade

Um importante item em nossa análise foi perceber a dimensão da temporalidade do Acampamento. Um perigo que corremos é percebê-lo como um epifenômeno, levando em consideração apenas os dias de realização, limitando-se a uma leitura superficial. O número de dias de realização do AIJ está associado com a representação que teve para diferentes segmentos da juventude:

a) para alguns, mais ligados diretamente ao Comitê Organizador, os dias do AIJ eram um forte “envolvimento permanente e uma mudança de cultura política”;

b) para outros (e a grande maioria) era simplesmente um evento a mais. Nas palavras de um jovem entrevistado: *“Era o principal espaço de militância; (...) para todos os grupos e movimentos envolvidos com o FSM era, no final das contas, um apêndice de luxo em sua agenda ao invés de ser uma prioridade”*.

Na síntese de poucos dias de realização do AIJ, em cada uma das suas edições, estava concentrada uma energia convertida em muitos e muitos dias de preparação e depois de avaliação. Mas, mais do que uma quantificação, essa energia estava associada com a categoria “prática”, ou como se percebe na fala dos jovens do COA: uma concretização das falas do FSM que seria experienciada nesse curto tempo para sinalizar a sua continuidade em tempos seqüentes e na forma de ações de efetiva intervenção na “realidade” (economia popular e solidária, alimentação alternativa etc.).

A situação-tipo, pensada na forma de dedicação dos tempos dos grupos de jovens do AIJ, poderia ser lida de forma metafórica pela imagem de Saturno e seus anéis: o planeta (= o centro) estava preenchido pelo COA, com a dedicação exclusiva e total ao AIJ; o primeiro anel, pelos grupos culturais e de apoio (Hip-Hop; MNMMR; voluntários etc.) caracterizados pela disponibilidade e com entradas e saídas na dinâmica do AIJ; e um segundo anel, pelos visitantes, só acampados, curiosos etc. Essas classificações não têm a ver com ser ou não filiadas a partidos ou movimentos juvenis e sim com o grau de responsabilidade na gestão do AIJ.

Outro achado dentro desse item está na dinâmica do tempo utilizada durante a realização do AIJ, ao longo de suas edições. Associamos o item “perfil dos entrevistados” com a categoria “temporalidade” como um elo que conecta a herança da militância desses jovens antes de seu envolvimento com o AIJ e como isso se desdobrou nas práticas organizativas durante o período de suas funções como membros do COA. A forma mais horizontal de gestão (autogestão) e a disponibilidade para o diálogo e para as discussões e encaminhamentos, ao longo das realizações do AIJ, ainda mantiveram alguns vícios, como foi a herança de práticas políticas derivadas das militâncias anteriores (Movimento Estudantil, a UNE, a setorial de juventude dentro dos mais diversos partidos políticos e mesmo dentro da inserção em sindicatos), nas quais o tempo dedicado para as discussões e deliberações (na forma de “assembleísmos”, por exemplo) pode ter sido uma das forças determinantes para a não atração ou mesmo para a exclusão de outros jovens.

Talvez isso tenha contribuído para a ausência de jovens de outras partes do mundo e mesmo do Brasil no COA. Num documento de avaliação do primeiro AIJ isso aparece de forma muito clara: *“Além de muitas brigas e divergências internas à juventude, essa crise de identidade também inviabilizou uma inserção dirigente da juventude nas instâncias de organização do FSM e uma dificuldade extraordinária de relação com os movimentos sociais que não conseguem identificar interlocutores legítimos e responsáveis pela organização do AIJ”*. A ausência de uma definição objetiva sobre a organização interna do COA também obrigou a todos a compartilhar um ritmo frenético e exaustivo de discussão, que acabou afastando organizações de juventude que não tinham condições de acompanhar 24 horas por dia a organização do Acampamento. Esse registro se relaciona com a realização do primeiro AIJ e serve como alerta ao anunciar um limite para a participação de outros jovens na composição do COA. Deve-se levar em conta que formulações iniciais do primeiro AIJ estavam ainda eivadas de componentes das militâncias anteriores desses jovens.

Finalmente consideramos que o perfil dos jovens entrevistados do COA também se vinculava diretamente com sua condição de ser composto por gaúchos, por estarem mais disponíveis e próximos das etapas preparativas dos AIJ, além de uma visão estratégica a respeito do foco das lutas e bandeiras que serviriam como orientação para os jovens acampados. No texto de Kiko Netto (*Democracia viva*, Ibase, número 30), a decisão de que o COA seria de responsabilidade do Comitê de Juventude do Rio Grande do Sul, pois o Comitê Nacional de Juventude não conseguia atender a tarefa de “operacionalmente acompanhar as relações internacionais e a dinâmica organizativa em Porto Alegre (p. 45)”.

Outro elemento importante para o COA ser composto pela maioria de jovens gaúchos está na viabilização do Acampamento na sua materialidade, das condições de proximidade com contatos na máquina pública que pudessem agilizar certas decisões diante das necessidades de garantir um espaço com condições de moradia para todos os acampados e também criar espaços para a realização de encontros, reuniões e expressões culturais diversas, algo que a distância de localização da logística do COA em outros estados, no mínimo, reduziria a sua capacidade de ação presencial de forma imediata perante as demandas.

## 2.6 - O espaço e suas relações

O Acampamento apresenta uma característica territorial que é interessante de ser analisada pelas abordagens que compreende. Enquanto espaço geográfico, foi realizado no Parque da Harmonia, área verde localizada no centro de Porto Alegre, metrópole com 1.400 mil habitantes<sup>7</sup> em 2005, capital do estado do Rio Grande do Sul. A área ocupada pelo Acampamento e depois pelo próprio fórum é localizada à beira do Lago Guaíba, próximo à Usina do Gasômetro (centro cultural) e ao Centro Administrativo do Estado, compondo parte da orla do Guaíba. Próximo ao parque existe uma zona de periferia denominada Vila Chocolateão, área de invasão urbana. É ladeado por uma rua de acesso rápido (perimetral) que liga a zona sul ao centro da cidade. O espaço é intensamente freqüentado aos finais de semana pelos moradores da região, que têm nele um refúgio de natureza na cidade, além de ser espaço de habitação de muitos moradores de rua. Tradicionalmente, no mês de setembro ocorre nesse mesmo parque o Acampamento Farrroupilha, evento que reúne diferentes centros de tradição da cultura gaúcha; esse acampamento trouxe importantes referências para a realização do AIJ no que tange à infra-estrutura.

Nesse espaço ocorreram quatro edições do AIJ, tendo uma variação de público de 2.500 jovens na primeira edição para 35 mil acampados na sua quinta edição. Na primeira edição, o espaço foi pensado mais como lugar de infra-estrutura para os jovens participantes do fórum, camping e hospedagem, aglutinação das organizações de juventude representadas no evento. Entretanto, a partir do segundo AIJ, houve uma preocupação muito grande com a forma de ocupar esse espaço, sendo a sua ocupação planejada por estudantes de arquitetura, que levaram em conta a natureza dos espaços do parque, o fluxo de pessoas que transitavam em seu cotidiano, a localização e sua importância para a cidade, pensando uma forma mais auto-sustentável de ocupação do espaço.

O fato de ocupar um lugar público da cidade traz uma visibilidade pública ao Acampamento. É um grande número de pessoas num espaço no coração da cidade, fazendo diferentes manifestações políticas, sociais e culturais, representando um retrato da diversidade, do exótico, do irreverente, da rebeldia e, em muitas situações, de transgressão.

Esses elementos foram amplamente expostos na mídia, tornando o AIJ a referência estética do FSM. Fotos, matérias de jornais, imagens remeteram-se a essa diversidade visualizada naquele espaço. Ao tornar-se conhecido no cotidiano da cidade, tornou-se uma referência cultural, um espaço de curiosidade, de congregação de jovens da cidade que viam naquele espaço um território de liberdades, de festa, de badalação. Esse foi um elemento que fez com que o AIJ apresentasse outra faceta para a cidade, muitas vezes desfocada de sua proposta, mostrado como um novo Woodstock.

É manifestada, entretanto, uma grande preocupação do Comitê Organizador acerca da imagem que o Acampamento ocuparia na mídia gaúcha. Assim, buscavam realizar um trabalho de assessoria de imprensa – e isso foi constatado na clipagem dos jornais da época (2001-2005) – que evidenciasse a noção de **espaço**<sup>8</sup> a partir de duas perspectivas:

- a) espaço como território de experiências de um novo mundo possível, de debates, discussões, de construção de propostas, de festas, de expressão cultural, de práticas sociais;
- b) espaço como infra-estrutura, delimitação física, condições de habitabilidade, de outra ocupação do espaço, com bioconstruções etc.

Esse registro se torna importante, pois se trata da **incorporação** de uma situação-tipo (o AIJ) para além da crítica ou dos estereótipos. Assim, a juventude, ao se manifestar no espaço público e através de programações efetivas, tende a superar o estereótipo do Acampamento como sendo um “*Woodstock da esquerda*”, mesmo através dos filtros de uma imprensa pouco sensível para revelar, com certa isenção, a riqueza da complexidade e do contraditório que representava aquele espaço.

O Acampamento não deixava de se relacionar com o público, com a cidade. Em algumas práticas, envolvia os moradores de rua, dialogava com os moradores das vilas próximas. Era aberta a participação em todas as suas atividades, inclusive em sua organização, caso houvesse interesse. Havia, sim, inscrições, mas estas tinham o objetivo de melhor organizar e gerenciar o espaço. Vale aqui trazer um exemplo de um fato acontecido e narrado pelos jovens do COA que elucidam o AIJ enquanto espaço público. Em sua segunda edição, houve no penúltimo dia a realização da muamba (ensaio em preparação ao carnaval) na orla do Guaíba, próximo ao Acampamento. Por uma decisão visando a segurança, os acessos do parque foram fechados para as pessoas que não estivessem com identificação do Acampamento (fita que era colocada no pulso). Houve uma grande reflexão do Comitê naquela ocasião sobre esse fato – o fechamento de um espaço público da cidade –, divergente da concepção de espaço que trabalhavam.

O Acampamento se constituía como um espaço mais informal e democrático, mais legítimo das organizações que dele participavam. Enquanto o FSM em suas três primeiras edições era realizado dentro de uma universidade privada, com acesso através de inscrição, o Acampamento realizava-se em um espaço público, aberto à participação, visível ao cotidiano da cidade e integrando-se nele.

### 3 - AIJ: surgimento e construção de uma proposta

#### 3.1 - O contexto do Fórum Social Mundial

O FSM é fruto de um contexto histórico de fracasso do socialismo burocrático e da falência da socialdemocracia, da hegemonia do sistema capitalista, impondo políticas neoliberais e imperialistas em nível global, de uma cultura global de consumo exacerbado, gerando grandes desigualdades em escala mundial, conflitos e guerras por novos mercados e por petróleo, subdesenvolvimento e endividamento de diversas nações. Segundo as palavras de José Correa Leite (2003, p. 16):

“ao longo dos anos 1980 observamos uma pressão cada vez maior sobre as sociedades burocratizadas nucleadas pela União Soviética, um arrefecimento cada vez maior da luta antiimperialista na periferia (refluxo da revolução centro-americana e dos processos asiáticos) e das lutas dos trabalhadores nos países centrais. (...) O neoliberalismo ganha um novo alento, na virada para os anos 1990, com a queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética, que tornam o deslocamento da correlação de forças avassalador e têm conseqüências políticas e ideológicas de curto prazo catastróficas para a boa parte da esquerda”.

Entretanto, experiências de resistência anticapitalistas, antiimperialistas e antineoliberais em nível global inauguram um novo tempo de resistência a esse sistema, testemunhado por manifestações como as promovidas em Chiapas (México, 1996) pelo Exército Zapatista de Libertação, que declara guerra contra o neoliberalismo e pela humanidade; os protestos em Genebra (Suíça, 1998) contra a OMC; as manifestações em Seattle (EUA, 1999); contra a reunião do G8 em Davos (Suíça, 2000); e contra as políticas do Banco Mundial e FMI em Washington (EUA, 2000), seguidas por manifestações em outras cidades do mundo.

O Fórum Social Mundial nasceu na perspectiva de ser um processo catalisador dos esforços e lutas acumuladas pelos movimentos sociais, sindicais, eclesiais e camponeses, de organizações civis e setores políticos populares em nível global como resistência ao modelo capitalista, enfrentamento do neoliberalismo e oposição ao Fórum Econômico de Davos (reunião dos oito países mais ricos do mundo). Um evento que congregasse diferentes experiências de participação cidadã, de solidariedade e construção do destino dos povos, representando uma alternativa à política capitalista. Construção de “um outro mundo possível”.

O FSM surge na seqüência das manifestações anticapitalistas e antiglobalização como uma expressão de resistência e de construção de novas possibilidades. É dinamizado principalmente por organizações brasileiras, tendo como sede a cidade de Porto Alegre por sua experiência de orçamento participativo e administração popular conduzida pelo Partido dos Trabalhadores. Convergem experiências de esquerda do mundo todo que são convidadas para o diálogo entre as diversidades. O primeiro FSM foi concebido numa lógica de representação, tendo como público-alvo a participação de delegados de organizações civis. Foi realizado no espaço de uma universidade privada (Pontifícia Universidade Católica) numa dinâmica de conferências, mesas-redondas, debates e manifestações.

É um espaço de debate democrático de idéias, de reflexão e formulação de propostas alternativas ao capitalismo, buscando articular movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil contra o imperialismo e as políticas neoliberais. Caracteriza-se pela pluralidade e diversidade, tendo um caráter não-confessional, não-governamental e não-partidário. O FSM é um espaço de convergência de experiências, não uma entidade nem uma organização ou movimento. Segundo Whitaker (2005, p. 202):

“Ele [o FSM] é somente um espaço aberto, em que a diversidade é um valor totalmente respeitado, no qual todos que lutam de alguma forma por um mundo novo – das experiências na base da sociedade aos que procuram mudar as instituições internacionais – podem intercambiar experiências, aprender uns com os outros, romper com os eventuais isolamentos ou as barreiras que tornam estanques as ações setoriais, articular-se nacional e planetariamente; tudo isso sem pretenderem ser ‘cúpula’ de nada e sem correrem o risco de alguns ‘dirigentes’, que de repente surjam, lhes caíam em cima com ‘documentos finais’ a serem votados ou aclamados, palavras de ordem, bandeiras ‘unificadas’ de luta que não seriam senão novos ‘pensamentos únicos’ querendo se impor”.

Essas reflexões têm também sua repercussão dentro dos jovens do COA de uma forma interativa, ora em adesão, ora em superação<sup>9</sup>.

## 3.2 - O surgimento do AIJ: um processo histórico

### 2001

Nesse contexto de construção e participação do FSM é que surge a proposta do Acampamento Intercontinental da Juventude. Seu surgimento está atrelado a uma demanda de oferecer condições estruturais para a juventude participar do FSM, visto que a participação estava vinculada às organizações inscritas, e procurar inserir a temática da juventude em torno das pautas propostas pelo fórum. Seu processo de organização se inicia em dezembro de 2000, sendo definida a ocupação de uma área pública em Porto Alegre como proposta de encontro, convergência e organização das juventudes que desejavam participar daquele espaço. A expectativa inicial era de 800 pessoas acampadas, mas o número final foi de 2.500 acampados, a grande maioria brasileiros. O espaço foi dividido juntamente com o Acampamento dos Povos Indígenas.

“Diversas organizações do campo da Juventude, da Criança e do Adolescente, juventudes partidárias e jovens engajados estão construindo o Acampamento Intercontinental da Juventude. O objetivo é congrega a juventude, propiciando a participação no Fórum Social Mundial, constituindo-se em um importante espaço de mobilização da Juventude...As nossas mais diferentes matizes convergem no entendimento de que a juventude é um momento privilegiado na vida do indivíduo, é nesta fase que ocorrem as suas grandes opções. Compreendemos que essas opções de mundo devem ser disputadas. E mais, que devemos realizar disputa ideológica da juventude.” (Primeiro Informativo do Comitê de Juventude – Porto Alegre, 2000)

Na citação acima aparecem dois conceitos importantes nesse processo. O primeiro é que a construção do Acampamento é dada por organizações do campo da juventude, principalmente partidária. A estrutura responsável pela organização intitulou-se Comitê de Juventude do FSM e era formada basicamente por juventudes partidárias e entidades juvenis, ligadas à lógica dessas organizações (constituíam o comitê jovem do PT, PC do B, PSTU, dirigentes da UNE, da Ubes, seguidos do MNMMR e do Movimento Hip-Hop). O espaço era muito partidarizado e seguia uma lógica de organização mais tradicional. Nas palavras de Ana Paula<sup>10</sup> do COA: “*Aí cheguei aqui, espaço superpartidarizado, que não era, aí me assustei, uma coisa de ‘capa’ assim*”. O segundo elemento importante tem relação com o conceito de juventude que se expressa tanto nos preparativos do primeiro FSM e primeiro AIJ, diretamente relacionado com o entendimento de ser essa uma fase de grandes opções na vida e que estas devem ser disputadas no plano ideológico.

O Acampamento surge como uma expressão de inserção juvenil dentro de um espaço construído pelo mundo adulto. A demanda é garantir sua participação e inserir suas pautas, dando visibilidade ao setor juvenil e garantindo a representação de suas organizações. Num documento identificado como sendo do Comitê de Juventude do Fórum Social Mundial isso se torna visível por meio das seguintes palavras: “*Propomos que as atividades culminem na apresentação de um manifesto da juventude contra o neoliberalismo, citando as resistências ao desmonte da educação, as alternativas de trabalho diferentes da lógica do capital, e a luta da juventude contra as opressões específicas; (...) queremos construir um calendário de mobilização intercontinental da juventude, com ações e campanhas unificadas*”. Esse era o desafio dos jovens dessa entrevista, pois traziam suas heranças e trajetórias de militância, encontravam uma estrutura que, no máximo, lhes concedia uma “participação por representatividade” e recebiam a “pressão” de seus pares para o clássico encaminhamento de “unificação das lutas”.

Entretanto, o que se iniciou como um alojamento alternativo acabou se transformando em uma ação coletiva de muitos movimentos e organizações. Com pouca infra-estrutura, garantida com a parceria da prefeitura de Porto Alegre, recursos escassos e pouco tempo para sua organização, o Acampamento realizou-se com sucesso, mostrando grande potencialidade. A avaliação do processo leva a pensar na possibilidade de viver experiências transformadoras para a sociedade. Aqui surge uma crítica ao FSM, de ser um espaço de discussão teórica sem apresentar alternativas e experiências práticas, vivenciadas no cotidiano.

A opinião pública, via mídia impressa<sup>11</sup>, alimentava a discussão com certa ironia e descrédito sobre os objetivos e estratégias que a novidade do FSM e do AIJ iriam oferecer a seus participantes. A matéria abaixo reflete essa leitura do que esse evento estaria propondo aos jovens do AIJ:

## “Acampamento Antiglobalização

A partir do próximo dia 25 ocorre em Porto Alegre o Fórum Social Mundial. E tem lugar para você. Você poderá discutir sobre as linhas da mão invisível do mercado com chilenos, japoneses, franceses, italianos, ou com um integrante da juventude do Exército Zapatista de Libertação Nacional do México ou das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (Farc). É só aparecer no Acampamento Intercontinental da Juventude, do Fórum Social Mundial (FSM), de 25 a 30 de janeiro em Porto Alegre. Os organizadores pedem apenas que se levem barraca e vontade de bater na globalização.

O acampamento, no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, será o reduto mais agitado do FSM – e certamente o mais divertido, já que formado por uns 3 mil jovens como você. O site do Fórum ([www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br)) anuncia que você e sua turma poderão discutir seu papel na ‘construção de um outro mundo e na derrocada do capitalismo’. Parece exagero, mas a idéia é esta mesmo: radicalizar, como nos românticos anos 60.

O FSM, promovido por entidades brasileiras com apoio do governo do Estado, é um evento contra o neoliberalismo, o nome de um balaio em que cabem muitas coisas e conceitos. Numa simplificação, neoliberal é quem acha que o mercado cuida de tudo sozinho, gera riqueza e se encarrega de criar condições para distribuir renda. O Estado (governo) só atrapalha. O fórum pretende dar bordoadas na globalização, no FMI, no Banco Mundial, e propor alternativas. As ONGs (organizações não-governamentais) chegam para brilhar em Porto Alegre” (ZH, 19/11/01 – Caderno Zerou, p. 8).

## 2002

“Toda injustiça, em qualquer parte do mundo, nos indigna e impulsiona na construção de alternativas, na reflexão profunda sobre o futuro da humanidade e, principalmente, a agir inspirados pelos compromissos com a vida e não com o capital. Dançar, criar, ousar, pensar. A juventude tem seu próprio tempo, sua pauta e sua própria forma de se expressar. O Acampamento de Juventude é um espaço para fortalecer e unificar nossas ações. Não podemos permitir que pessoas percam a vida, vivam oprimidas e sejam exploradas somente para que os possuidores do capital engordem suas contas bancárias e continuem ampliando sua dominação planetária.” (Convocatória do segundo Acampamento Intercontinental da Juventude – 2002)

No cenário mundial, pós-FSM 2001, três eventos são de grande influência na construção do segundo FSM e, conseqüentemente, do AIJ: a forte repressão às manifestações contra a reunião do G8 em Gênova, com a morte de um estudante (Carlo Giuliani); os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos; e a Revolta Popular na Argentina (panelaço) em dezembro. Esses eventos potencializam o FSM e o AIJ como espaços de discussão das alternativas de construção de um “outro mundo possível”. No Acampamento, há participação de jovens militantes que estiveram envolvidos nas manifestações na Itália e na Argentina.

Influenciado por esse cenário, em sua segunda edição o AIJ dá um salto qualitativo e quantitativo muito relevante, constituindo a base organizativa e propositiva para as demais edições. Inicialmente, tem a intenção de consolidar uma participação da juventude no FSM mais independente e autônoma, sem perder a relação com o evento principal, constituindo um espaço referencial internacional para o movimento denominado “nova geração política”. Além de possibilitar a participação no FSM, o Acampamento cria uma dinâmica autônoma e inicia a construção de uma identidade própria, muito vinculada ao conceito de espaço.

Nos textos dos membros do COA essa classificação fica bem evidente ao nomearem o primeiro AIJ como espaço cuja composição predominante era da “juventude partidária” e os seguintes como “dos autônomos”, ou seja, mais ligado ao conceito de nova geração política. A noção tão cara aos membros do COI do FSM sobre “espaço” passou a ser também parte do ideário e das longas discussões dentro do AIJ. Ao mesmo tempo que o AIJ incorporava e ampliava os protestos anticapitalistas que ocorreram em escala mundial, nos meses que precediam a sua realização, também estavam sendo implantadas as ações de autogestão desse mesmo espaço. A proposta era envolver os jovens acampados na dinâmica de organização do Acampamento, numa proposta de gestão horizontal e não vertical, de democracia direta e não representativa. Na homenagem ao jovem ativista de Gênova, denominando o AIJ como “Cidade da Juventude Carlo Giuliani”, seus organizadores procuravam construir uma identidade do próprio acampamento através de combinações entre a experiência do primeiro AIJ, os debates sobre autogestão do espaço, o laboratório de resistência

global, o ideário de uma nova geração política e as inúmeras expressões e manifestações culturais e políticas contra o capitalismo e em favor de um “outro mundo possível”.

O crescimento quantitativo do segundo AIJ traduzia uma convergência de elementos favoráveis. Desde as manifestações e protestos internacionais e o episódio de 11 de setembro possibilitaram a presença, em Porto Alegre, de “toda uma esquerda mundial”. A presença da juventude em todos esses atos fortalecia a realização do AIJ e isso se verificou com a participação de representantes de 43 países e de todos os continentes.

E foi a partir dessa convergência de fatores, quantitativos e qualitativos, que os jovens do COA tiveram de se debruçar fortemente em questões objetivas tais como as da gestão do espaço do Acampamento e nas ações que revelassem que “esse outro mundo é possível” de maneira concreta, com efetivas realizações de práticas sociais alternativas ao modelo neoliberal.

Para essas ações planejadas o COA agiu desde março de 2001 na direção de preparar um espaço que abrigasse entre 10 mil e 12 mil jovens e criou três comissões para organização dessas práticas sociais, também chamadas de “experiências alternativas de resistência”: Comissão de Temática, de Comunicação e de Cultura, Infra-Estrutura e Planejamento. Ao mesmo tempo iniciou a vivência de valores fundamentais que caracterizam a denominação “nova geração política”: horizontalidade, ação direta e autogestão.

Nas atividades formativas, coordenadas pelo COA, a categoria “espaço” passa a ter preferência nos debates e leituras. Em função da qualificada presença de jovens estudantes de arquitetura, essa categoria recebe um enorme “empuxo” em sua reflexão e também em sua aplicação (na construção e gestão do Acampamento como tal). Houve aí um raro aprendizado de parte das demais instâncias (comissões e grupos de trabalho) do acampamento na medida em que esse enfoque do espaço foi determinante para as demais ações da gestão, como reciclagem, comercialização, circulação, segurança etc.

Os estudantes de arquitetura trouxeram uma noção de espaço para além da ocupação, trabalharam com a idéia de espaço como conceito, trazendo experiências de bioconstrução para as estruturas físicas do Acampamento, pensando na dinâmica de ocupação dos espaços das barracas e espaços de atividades, vias de circulação, infra-estrutura para alimentação, banheiros, reciclagem de lixo, entre outras práticas. A disposição do Acampamento por bairros influencia na sua dinâmica de organização, buscando mecanismos que contribuam na autogestão desses espaços, atribuindo responsabilidades de gerência aos acampados, não às comissões. Essa dinâmica de organização acabou por influenciar todo o trabalho das demais comissões.

Ao mesmo tempo o conceito de juventude vai sendo tensionado pelos jovens, coordenados pelo COA: há um desgaste do conceito de juventude, pois os participantes desses debates relacionam a nomenclatura como sendo parte de uma engrenagem capitalista, associada com consumo, e também à condição subordinada dos jovens dentro das organizações partidárias (mesmo de esquerda). Assim, NGPI<sup>12</sup> (nova geração política), nomenclatura herdada dos movimentos juvenis internacionais, substituiria o termo juventude pelo seu desgaste, tanto no mundo capitalista (consumo) como no da militância política (progressista), por sua dependência e atrelamento aos quadros partidários existentes.

No segundo AIJ são implementadas inúmeras experiências que atendem ao desafio que os próprios jovens se puseram: vamos “*tornar concretas as palavras do FSM de que um outro mundo é possível*”. Ao longo do tempo o território vai se alterando e formando uma cidade específica, com um plano diretor próprio e com demandas e serviços próprios de uma cidade (segurança, coleta de lixo, economia). Três eixos de ocupação são criados: 1) RESIDENCIAL: onde as questões emergiam do cotidiano; 2) CONVÍVIO: espaço de trocas de experiências e manifestações espontâneas; e 3) EIXO DE ATIVIDADES: abrigou debates, discussões e manifestações diversas: passeatas, atividades, bandeiras, música na madrugada, rádios comunitárias etc.

### **Práticas implementadas:**

- Os espaços de atividades foram bioconstruídos, resgatando práticas de construção culturais, mostrando um uso mais equilibrado dos recursos naturais;
- Unidade de reciclagem: coleta seletiva de todo o lixo, com planejamento do destino dos resíduos e envolvimento dos moradores do parque e de uma cooperativa de recicladores/catadores;
- Rádios Comunitárias e Livres: dividindo o mesmo espaço para informação e entretenimento dos acampados. Os meios de comunicação eram abertos, para os acampados poderem acessar e produzir informação;

- Tecnologia de informação baseada em software livre;
- Laboratório de Resistência Global – Projeto Intergalactika: espaço de encontro e troca de experiência dos diversos movimentos horizontais que se encontraram, tendo o Acampamento como espaço para suas discussões e ressonância para suas práticas. Inicia-se a formação de uma rede de movimentos e uma agenda global de lutas.

Um ponto a ser destacado dentro da dinâmica do segundo Acampamento foi a inserção de uma atividade dentro da grade de programação do FSM, sendo realizado no espaço do Fórum (no campus da PUCRS) o Encontro Mundial da Juventude, que pretendia ser uma atividade para congregar para o diálogo diferentes organizações e movimentos de juventude, diferentes formas de protagonismo, com a intenção de construir instrumentos de organização da juventude internacionalmente. Entretanto, o encontro não conseguiu aproximar-se desse objetivo, entraram em conflito as diferentes dinâmicas dos movimentos internacionais anticapitalistas com as organizações brasileiras e destas entre si, o que dificultou o diálogo e a construção de consensos mínimos para efetivar uma organização mundial.

É interessante perceber o contraste desse espaço, digamos, teórico de discussão dessa diversidade com a proposta de um espaço prático de partilha de experiências, o Laboratório de Resistência Global – Projeto Intergalactika. Avaliado pelos organizadores como um dos espaços mais interessantes e produtivos do Acampamento, o espaço Intergalactika conseguiu dinamizar um diálogo que um evento formal não possibilitou, sendo o principal elemento para a organização posterior da Rede de Resistência Global. Essa diferenciação de teoria e prática é apontada como uma das mais importantes referências do Acampamento: o diálogo da diversidade se constrói sob a óptica de ações concretas, diretas e possíveis, saindo da lógica da discussão político-ideológica. Claro que esta também está presente, mas sob outro paradigma, que sustenta relações menos conflituosas.

### **Mídia escrita: a opinião pública**

E do lado da mídia<sup>13</sup>, da formação da opinião pública, o segundo AIJ é apresentado de forma mais respeitosa em seus objetivos e realizações e com algumas notas de “comentário comportamental” com relação à sexualidade (uso de preservativos):

#### **“Jovem sonha com o possível**

*Mais de 50 países estão confirmados para participar do 2.º Acampamento Intercontinental da Juventude, no Parque da Harmonia, na capital. A cidade Carlo Giuliani será espaço de debates, oficinas, mostras de cinemas, shows e publicações. O objetivo do projeto é explicitar o lema “Um Outro Mundo é Possível” e garantir, além da hospedagem alternativa, espaço para discussões e integração de movimentos sociais e culturais. “Queremos afirmar a possibilidade de introduzir a juventude nesse mundo de igualdades sociais que o fórum propõe, salienta Viliano Fassini, coordenador do comitê da juventude. “Será proposto um novo estatuto, que mostrará o jovem como sujeito e agente de transformações”, acrescentou o representante do Estado no acampamento, André Mombach.*

*O responsável pela comissão da infra-estrutura e planejamento, Fernando Costa, garante aos “hóspedes” um posto de saúde com atendimento 24 horas, uma equipe de enfermagem da prefeitura e uma ambulância de socorro. O Corpo de Bombeiros colaborará com a segurança fornecendo uma viatura exclusiva. O acampamento abrigará um restaurante com os custos acessíveis. A alimentação será livre de agrotóxicos. “A infra-estrutura não estará pronta e será construída por todos ao chegarem”, explica Costa, destacando a separação do lixo. Os próprios participantes terão oportunidade de executar a triagem.” (CP, 26/1/02, p. 9)*

### **”Jovem quer rebeldia não violenta**

*A análise das conquistas do movimento de resistência global será a tônica dos debates que serão realizados no Acampamento Intercontinental da Juventude, montado no Parque da Harmonia, durante o II Fórum Social Mundial.” (CP, 28/1/02, p. 6)*

Obs.:Traz André Mombach como do Comitê de Juventude do FSM.

*“(…) Estado distribuirá 46 mil camisinhas*

*(…) Do total, 12 mil camisinhas serão destinadas ao Acampamento Intercontinental da Juventude (…).” (ZH, 23/1/02, p. 9)*

## **Uma estrutura organizativa em transformação**

É interessante nesta descrição do processo do AIJ fazer um resgate do histórico da formação dessa estrutura de organização e sua composição. No primeiro Acampamento, a estrutura responsável por sua organização intitulou-se Comitê de Juventude do FSM. Era formada basicamente por juventudes partidárias e entidades juvenis, fortemente influenciada pela dinâmica do movimento estudantil brasileiro. Nesse sentido, acabou reproduzindo em sua dinâmica uma lógica herdada desses movimentos: atos, marchas, plenárias, centrados na mobilização e na disputa política.

A partir do segundo Acampamento, intitulou-se Comitê Organizador da Juventude e passou a incorporar mais movimentos e indivíduos. A concepção de comitê passa a ser caracterizada como um espaço plural, aberto e autogestionário. A proposta é sair de uma lógica de organização verticalizada para uma proposta horizontal e aberta. Nesse sentido, a possibilidade de ingresso de indivíduos não ligados a representações de grupos, movimentos e organizações constitui-se uma importante modificação na lógica de organização.

Buscou-se formar um Comitê Nacional de Juventude, que apresentou dificuldades em conseguir acompanhar as relações internacionais e a dinâmica organizativa em Porto Alegre, fechando-se muito em questões e disputas internas das organizações brasileiras que o formavam. Chegou-se, então, ao entendimento de que o Comitê de Juventude do Rio Grande do Sul passaria a ser o Comitê Organizador do Acampamento (COA), tendo a responsabilidade operacional, logística e organizativa do Acampamento, e sendo o representante do processo nas instâncias do FSM. Os demais Comitês de Juventude estariam envolvidos em mobilizar as juventudes a participar do AIJ, propor atividades e pautas, incorporando-se na fase final ao Comitê Organizador do Acampamento e em sua dinâmica.

Nesse processo, houve muitas críticas e resistências manifestadas por membros dos Comitês de Juventude organizados no país. A centralidade dos gaúchos era apresentada como vanguardista, não respeitando as pautas apresentadas nacionalmente e as construções coletivas. Também eram caracterizados como internacionalistas, influenciados pela dinâmica dos movimentos europeus, secundarizando as experiências de resistência latino-americanas em sua dinâmica e discurso. Alguns comitês chegaram a desarticular-se nesse processo. Entendemos que a centralidade do COA foi o que permitiu a potencialidade do Acampamento, por seu envolvimento no processo e a forma de implementar práticas como autogestão e horizontalidade, conforme trabalhemos mais adiante.

## **2003**

*“A dança é a da PAZ! A música é a da ESPERANÇA! A economia é SOLIDÁRIA! A alimentação é ECOLÓGICA e ORGÂNICA! O espaço é COLETIVO! As leis são o RESPEITO e a LIBERDADE! A cidade é a DAS CIDADES! Sua gestão é a da AUTOGESTÃO! Seu poder é a DIVERSIDADE! Seu sonho é a realidade de UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL!” (Texto do terceiro Acampamento Intercontinental da Juventude – FSM, 2003, Um processo em Construção: André Mombach)*

Nessa edição do AIJ há um aprofundamento nos conceitos e propostas, consolidando a sua identidade. Conseqüência da experiência do segundo AIJ e das relações estabelecidas, o Acampamento é reconhecido como parte do FSM pelo Comitê Organizador Internacional. As atividades desenvolvidas nos primeiros Acampamentos demonstraram mais do que suficientes argumentos para isso. Amplia-se territorialmente, envolvendo a orla do Guaíba, a Usina do Gasômetro e o Anfiteatro Pôr-do-Sol. Amplia o número de dias para 11, envolvendo o Fórum Mundial de Educação, e conta com 23 mil acampados.

Há uma crítica interna do Acampamento enquanto evento apenas e abre-se um debate de consolidar o Acampamento como um processo e espaço do “movimento dos movimentos”. Rompe-se a concepção do Acampamento ligada à questão da faixa etária de juventude, ganhando força a idéia de concebê-lo como uma cidade, a “Cidade das Cidades”, espaço gestado, sim, pela juventude, mas que se constitui território, *“laboratório de práticas do outro mundo possível, no qual as alternativas seriam testadas na pressão do dia-a-dia das relações sociais e suas contradições”* (retirado de um texto do COA). Com a nomenclatura de “Cidade das Cidades” já fica sinalizada a perspectiva de gestão do espaço e a identidade do Acampamento para além de ser somente um evento. Somando-se a isso se realiza concomitantemente o Fórum Mundial da Educação, que ampliou o período total do AIJ.

“O FSM e o Acampamento são um processo, não eventos, e esse processo somos nós. Ao invés de algo que acontece anualmente, trata-se do lento cultivo da articulação desses outros mundos que coexistem. Somos um movimento de movimentos, e qualquer lugar onde os nossos encontros acontecerem será uma Cidade das Cidades – esse é o nome não de um lugar, mas da nossa reunião.” (Convocatória do terceiro AIJ)

Nesse reconhecimento do FSM o AIJ assume os eixos do fórum<sup>14</sup>, a saber:

- Desenvolvimento democrático sustentável.
- Princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade.
- Mídia, cultura e contra-hegemonia.
- Poder político, sociedade civil e democracia.
- Ordem democrática mundial, luta contra o militarismo e promoção da paz.

O AIJ, além dessa sintonia com a agenda do FSM, tem sua própria demanda e organização. Na continuidade do estabelecido desde seu início e já experimentado, durante o segundo AIJ ocorrem ações concretas derivadas desse ideário abstrato, além de ele se tornar um espaço mais flexível, mais aberto que o próprio FSM. Destacam-se as atividades de responsabilidade do Movimento Hip-Hop (realização do Seminário Nacional de Hip-Hop, evento que contribuiu para a articulação nacional do movimento) e também são contempladas as iniciativas relacionadas com a diversidade sexual por meio da criação de um espaço próprio dessas manifestações, muito ligado com as atividades realizadas no Planeta Arco-Íris, espaço da diversidade sexual organizado na Usina do Gasômetro, próximo ao Acampamento. Há também uma abertura do espaço do AIJ para os demais jovens da cidade, que circulam no Acampamento, freqüentam as atividades culturais e as feiras.

É importante destacar que o AIJ se constitui como um território potencializador das expressões juvenis que participam de sua dinâmica. No Acampamento, grupos e movimentos juvenis encontram um espaço de reconhecimento e de possibilidade de expressão que não encontram na sociedade civil. São diversas atividades (encontros, seminários, marchas, reuniões etc.) concomitantes ao Acampamento, congregando diferentes expressões em torno de bandeiras comuns. Os conceitos que são colocados em prática no Acampamento (autogestão, economia solidária, horizontalidade etc.) também influenciam discursos e práticas de movimentos e organizações, que experienciam conceitos de “outro mundo possível” e os agregam em suas agendas e pautas. O Acampamento é concebido como espaço de troca, de câmbio entre as diversidades.

## Práticas implementadas

“Definitivamente, o maior desafio do 3.º AIJ, planejado para ser uma cidade cosmopolita, poliglota, multicultural, multirracial e multissocial, era constituir mecanismos de participação direta onde seus cidadãos pudessem autogerir na plenitude sua existência efêmera.” (Documento de preparação para o terceiro AIJ)

A proposta de construção de uma grande cidade, com plano diretor próprio, que possibilitasse a autogestão direta e o exercício prático de conceitos move as práticas implementadas nessa edição. Algumas são mantidas do AIJ de 2002, mas novas são implementadas, a saber:

- Proposta de alimentação alternativa: feita por grupos da rede de economia;
- Implementação de moeda local: o Sol, que, além de facilitar o intercâmbio sociocultural, mostrou que outros sistemas econômicos são possíveis;
- Usina da Comunicação: acesso livre aos meios de produção de comunicação, estações de rádios livres e comunitárias;
- Software e hardware livres;
- Cultura: feita pela troca de experiências e visões de mundo dos diferentes participantes, de diversas origens, uma prática de que todos participaram como produtores de cultura;
- Gestão da cidade: os habitantes decidiam coletivamente sobre a gestão dos espaços, baseados em princípios de autogestão e horizontalidade;
- Espaços de convergência: cinco grandes espaços cobertos na orla do Guaíba, atividades organizadas pela convergência nos eixos de discussão do FSM;
- Rede de Resistência Global (RRG): diversos encontros para formar uma rede de resistências integrada por coletivos de diversas partes do mundo, relacionados com o processo de formação da Rede Mundial de Movimentos Sociais, com a intenção de integrar pautas e ações de resistência em escala mundial. Nesse sentido, o AIJ cria um símbolo que expressa as lutas dos movimentos, as identidades e valoriza as diferenças: a “bandeira das bandeiras”, um grande mosaico formado por bandeiras de todas as organizações presentes.

Nessa edição a conjuntura é menos favorável ao apoio institucional ao AIJ, pois o governo estadual não está mais com o PT, havendo perdas de investimento financeiro e desemprego por parte dos jovens que eram profissionalizados em funções do governo. O investimento financeiro e estrutural é garantido pelo COI e pela prefeitura de Porto Alegre.

Entretanto, mais do que apoio material, os organizadores do AIJ se ressentem de uma orientação mais cuidadosa por parte da Brigada Militar e por isso ocorrem incidentes de excesso e abuso da força policial. O diálogo com o Comando da Polícia Militar é estreitado por não haver interlocução do governo do Estado, e o resultado é uma ressentida repressão policial, diferente das outras edições.

O mesmo ocorre em outras instâncias do AIJ. A expansão, pelo aumento desmesurado de jovens, leva a alguns limites. Há um reconhecimento dos jovens da cidade em relação ao Acampamento como sendo um espaço de festa, de permissividade, o que gera “perda de engajamento” dos participantes, como retratado pela mídia (*ver abaixo*). O crescimento do número de Acampados (23 mil) gera problemas bem reais na “Cidade das Cidades”, comprometendo a execução de algumas práticas alternativas. Há uma avaliação de que os acampados são vindos do mundo capitalista, portadores de “vícios e costumes” de uma cultura capitalista que orientam sua vida cotidiana. Considerando essa diversidade de interesses torna-se quase incontrolável sua gestão dentro do espírito que norteava os membros do COA que se dispunham a torná-lo concreto. O princípio de autogestão do espaço, por exemplo, exige consciência e comprometimento dos participantes, não encontrando adesão em todos os “bairros” formados internamente.

“Desejávamos uma gestão participativa entre todos os habitantes da Cidade da Juventude. Queríamos discutir coletivamente as leis, regras, ações, resolução de conflitos, segurança, limpeza, convívio, utilização dos espaços, meios de comunicação – que toda gestão fosse coletivamente debatida e decidida. Seja por ser um movimento incipiente, pelos vícios de uma esquerda burocratizada e sectária ou ainda pela ausência de

propostas concretas e limitação de nossa comunicação. Ficamos distantes disso. É muito difícil superar a passividade do espectador. Mas a certeza que fica é que continuaremos sonhando, lutando e construindo o aprendizado prático para isso.” (Documento de Avaliação do segundo AIJ)

Esse fator representa, na nossa análise, o maior limitador das propostas de prática implementadas no Acampamento: a não adesão de seus participantes. Pode parecer tendencioso discutir sobre os processos de protagonismo e consciência social da juventude, mas a problemática se estabelece porque esse é o princípio central da proposta. Em entrevista, um dos membros do COA afirma que: *“Então o que para nós era um espaço importantíssimo, de envolvimento permanente, uma mudança de cultura política, para a imensa maioria das pessoas era simplesmente um evento de cinco dias”* (Rodrigo Nunes). Aqui aparece o limite metodológico dessa proposta, limite esse reconhecido pelo próprio COA ao longo do processo, pois como fazer as pessoas participarem de um complicado processo de autogestão sem uma metodologia de decisão? Como estabelecer uma dinâmica de organização dos espaços sem ferir o princípio da horizontalidade, sem instituir níveis específicos de coordenação dos espaços? E no horizonte de 23 mil pessoas, fora as que circulavam no espaço, como criar mecanismos de apresentação e aprofundamento das propostas do AIJ que envolvessem a todos? Desafios que a prática da Cidade das Cidades apresentou e que se tornaram complexos em sua quinta edição.

## **Mídia escrita: a opinião pública**

Nas diversas matérias que circularam nos jornais da época estão condensados assuntos que revelavam uma combinação entre os aspectos mais estruturantes do AIJ, seus princípios, metas, objetivos, ações e bandeiras, e os fatos que ocorriam mais perto das limitações e desafios decorrentes das condições de convivência entre tantos jovens, de origens, hábitos, costumes e interesses múltiplos.

### **“Nova moeda**

*Enquanto sonham com a extinção do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird), os participantes do Acampamento da Juventude vão tratando de criar seu próprio sistema financeiro. A primeira iniciativa foi a criação de uma moeda própria, o Sol, cujo câmbio já pode ser efetuado no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho.*

*Um sol vale R\$ 1. A moeda é aceita por todos os comerciantes instalados no acampamento. As notas de meio, um, dois, cinco e 10 sóis são feitas de papel moeda plastificado, com numeração controlada e marca ultravioleta.” (ZH, 23/1/03, p. 10)*

### **“Estrangeiros ocupam o parque**

#### **Acampamento será inaugurado hoje**

*A leva de estrangeiros que desembarcou ontem no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho começou a dar forma ao Acampamento Intercontinental da Juventude. Desde as primeiras horas do dia, mochileiros de todas as partes do mundo já circulavam por entre as tendas e as barracas armadas no local. A abertura oficial do acampamento será na tarde de hoje. [subtítulo]*

*A leva de estrangeiros que desembarcou ontem no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho começou a dar forma ao Acampamento Intercontinental da Juventude. Desde as primeiras horas do dia, mochileiros de todas as partes do mundo já circulavam por entre as tendas e as barracas armadas no local. (...)*

*Pela estimativa dos organizadores, até ontem à noite pelo menos 300 pessoas já haviam chegado ao acampamento. Cerca de 50 eram estrangeiras. (...) A organização espera um público de 30 mil campistas durante os dias de realização do 3.º Fórum Social Mundial.” (ZH, 18/1/03, p. 7)*

### **“Meninos de rua ajudam no Fórum**

*Quarenta adolescentes colaboram diretamente na infra-estrutura do Acampamento da Juventude*

*O credenciamento no Acampamento da Juventude vem sendo utilizado desde sexta-feira por uma equipe voluntária de adolescentes integrantes do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR). O órgão, que agrega menores em situação de vulnerabilidade social, é junto com a União Nacional de Estudantes (UNE) e o Movimento Hip-Hop gaúcho, responsável pela criação do acampamento, desde que foi introduzido no Fórum Social Mundial (FSM).*

*‘Na época, chegamos aos organizadores e perguntamos: e os jovens? Como eles participarão do FSM?’, conta o coordenador do MNMMR, Luiz Antônio Ryzewski.*

*Em resposta, os organizadores do FSM articularam a criação do Acampamento da Juventude, como forma de promover eventos culturais destinados aos jovens. ‘Ajudamos a construir e pensar em sua gestão’, diz Luiz Antônio. (...)*

*(...) Além da organização do acampamento juvenil, os adolescentes ainda participarão de dois eventos: a oficina ‘Protagonismo juvenil’ e o seminário ‘A função do Hip-Hop.’” (CP, 19/1/03, p. 6)*

### **“Mutirão dá forma ao terreno da juventude**

*Não são apenas os adolescentes que estão empenhados na construção do Acampamento da Juventude. Muitos voluntários gaúchos já se instalaram no Parque da Harmonia desde a semana passada, realizando a limpeza, o mapeamento e a distribuição da área onde são esperados cerca de 30 mil jovens do mundo inteiro.*

*Um grupo de estudantes de Arquitetura da Unisinos também levou sua contribuição. (...) O telhado experimental foi desenvolvido através de projeto do Conselho Livre Metropolitano de Estudantes de Arquitetura (Colmeia), ONG vinculada ao Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), cujo objetivo é divulgar conceitos sustentáveis de proteção ao meio ambiente.” (CP, 19/1/03, p. 6)*

### **“Acampamento lembra Woodstock**

*Paz e amor do movimento hippie têm o correspondente à paz e às idéias solidárias neste III FSM*

*A concentração de cerca de 30 mil ativistas de todas as partes do planeta, reunidos no Acampamento da Juventude do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, vem sendo comparada a um ‘Woodstock’ da paz e das idéias solidárias. Assim como aquele festival pregava os ideais de paz e amor do movimento hippie, a chamada ‘Cidade das cidades’ funciona de acordo com o modelo de mundo que os ativistas antiglobalização defendem para o futuro.” (CP, 24/1/03, p. 6)*

### **“Debaixo da lona**

*Dose*

*Uma das questões de maior contrariedade no Acampamento da Juventude, em Porto Alegre, não é ideológica, e sim ética. Como a organização proíbe a comercialização de cerveja dentro do acampamento, o jeito encontrado pelos vendedores foi instalar as caixas de isopor junto à cerca que delimita o acampamento, para os lados do Anfiteatro Pôr-do-Sol.*

*A solução não é de todo isenta de problemas logísticos, já que, para cada nova latinha, é preciso voltar à cerca num dos extremos do parque. À beira do arame, os ambulantes se acotovelam praticando um inusitado modelo de livre concorrência às portas do acampamento, baixando preços ou oferecendo marcas diferentes.*

*Mais para o fim da madrugada, a proibição é burlada com criatividade por empreendedores espertos, que, carregando sacolas ou bolsas térmicas de acampamento, tramitam oferecendo a cerveja em voz baixa, como se vendessem substâncias ilícitas.”*

## **“Nudistas entraram em conflito com a polícia na Avenida Beira-Rio**

### **Manifestação acaba em confronto**

*Um ato que começou de forma pacífica no Acampamento da Juventude, no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, terminou em confronto com a polícia ontem à noite, próximo ao Anfiteatro Pôr-do-Sol.*

*Três pessoas foram detidas e liberadas – segundo informações da Brigada Militar – e outras três foram encaminhadas ao Hospital de Pronto-Socorro de Porto Alegre, com ferimentos leves.” (ZH, 28/1/03, p. 8)*

## **“Debaixo da lona**

### **Como era engajado o meu acampamento**

*A revolução perdeu espaço no Acampamento da Juventude em relação às edições anteriores do Fórum Social Mundial.*

*A Cidade das Cidades recebe 25 mil pessoas (o dobro de habitantes do ano passado), mas os ideais libertários já não estão em todas as barracas.*

*[Matéria com algumas citações de jovens acampados (com fotos), por exemplo:]*

*- Vim para conhecer o acampamento, mas estou à caça de um argentino.*

*- Sou mais um francês. Quero conhecer outras línguas.*

*- Ver os muito loucos.*

*- Assisti a uns debates.*

*- O negócio são as baladas. (ZH, 28/1/03, p. 10)*

## **Em preparação para o IV AIJ – 2004 em Mumbai – Índia**

O COA de Porto Alegre (em Mumbai, existe um COA local para organizar o Acampamento), diante do desafio criado em função do IV AIJ na Índia, se viu na tarefa de organizar a trajetória das edições anteriores, criando um referencial para outras experiências de Acampamento a serem desenvolvidas em outros lugares. O denominado Projeto Memória é criado para atender essa tarefa.

As ações desenvolvidas no Projeto Memória dos Acampamentos foram uma maneira de documentar as diferentes visões sobre o mesmo processo, envolvendo diferentes tipos de mídia para fazê-lo. Para tanto foram compilados materiais produzidos ao redor do mundo, o que resultou em uma memória feita de muitos pontos de vista. Essa iniciativa, mais uma vez, se mostrava consistente para que o ideário da orientação básica do AIJ se tornasse concreto: respeitar a diversidade de interesse, pontos de vista e tudo que representasse iniciativas juvenis e tornar tudo isso explicitado por meio da discussão, divulgação tal como se produzia, sem construção de sínteses e afunilamentos.

## **2004**

A realização do quarto AIJ em Mumbai, na Índia, foi contrastante com a tendência que se produzia a partir das anteriores edições no Brasil. Serviu também para a sistematização desse passado por meio do Projeto Memória, com a finalidade de sua apresentação nesse novo espaço físico. Mesmo com o choque cultural e político fruto das organizações do AIJ e daquilo que era trazido pelos jovens indianos em suas próprias formas e interesses. Segundo os depoimentos dos jovens brasileiros, o AIJ de 2004 ficou marcado por uma ênfase na política local, ajustado que foi à pauta internacionalista já consolidada através também dos movimentos de resistência e protestos ao redor do mundo.

O próprio local de realização do AIJ, um colégio (Escola Dom Bosco, que acolheu 2.500 jovens), também afeta as características do Acampamento, que tinha a marca do espaço aberto, gestão dos jovens, espaço de livre manifestação de interesses em todas as áreas desde a política até a escolha sexual.

Mesmo nessas condições materiais diferentes das até então existentes os jovens encontraram tempo e espaço para focar suas discussões dos principais conceitos dos Acampamentos de Juventude. Também foi um momento especial da RRG – Rede de Resistência Global – e foi construída uma agenda global de lutas e resistências.

## 2005

“É um espaço mundial da nova geração política, resultado de um processo composto das distintas ações locais, nacionais, internacionais e globais do movimento de movimentos. Um dos métodos de organização da nova geração de militantes. Um método que se utiliza das idéias e das práticas constituindo-se num grande laboratório de vivências e valores para um outro mundo possível. Sendo espaço, constitui-se como cidade. Na diversidade cosmopolita que reúne, torna-se a Cidade das Cidades. Sua determinação temporal e espacial é efêmera e itinerante.”  
(Texto de avaliação apresentado em plenária do COA)

A partir do processo de realização de três Acampamentos em Porto Alegre e da participação na Índia, o AIJ passa a ser pensado sob a óptica de um espaço e um processo mundial da nova geração de militantes, e começa a avançar para tornar-se um método de organização dessa nova geração, uma forma de fazer e praticar a arte da política. Alguns desafios surgem em sua concepção: a) ampliar a sua organicidade, potencializando a participação e construindo espaço de reconhecimento; b) popularizar o Acampamento, tornando-o mais militante, ou seja, envolvendo setores específicos da juventude (popular, rural, urbano...); c) consolidar e ampliar as práticas da Cidade das Cidades, transformando-as em símbolos de “um outro mundo possível”; d) internacionalizar a organização do AIJ; e) consolidar a Rede de Resistência Global; f) impulsionar uma Rede Brasileira dos Movimentos Juvenis; g) ter uma participação mais atuante no processo do FSM; h) consolidar uma metodologia para o AIJ, a fim de potencializá-lo como instrumento de organização da nova geração política; e i) articular um forte processo de mobilização e comunicação.

Havia uma preocupação em sistematizar a experiência do AIJ e constituí-lo como uma prática da nova geração política. Existe relato de muitos acampamentos realizados no mundo nas manifestações anticapitalistas e nos Fóruns Policêntricos que seguem a orientação da experiência realizada em Porto Alegre. O quinto Acampamento era a solidificação dessa experiência.

Entretanto, talvez o AIJ de 2005 não tenha recebido toda a sistematização que precisasse levando em consideração todo o acúmulo que ele representou em função das edições anteriores, a experiência internacional, as trajetórias dos jovens do COA e as interfaces com o FSM (comitê nacional e internacional) e ainda com a relação única que as realizações do AIJ tiveram com o espaço público.

Tomando isso em conta em seu conjunto e em suas interfaces com o acirramento da conjuntura bélica, como a guerra no Iraque; os acidentes ambientais; as continuadas ações concentradoras de capital e do poder do capital especulativo e volátil, é possível dimensionar o que seria a realização do FSM e do AIJ em 2005.

Essa tendência das crises (bélicas, ambientais e econômico-financeiras) e a positividade das edições do AIJ em Porto Alegre foram decisivas para a imensa afluência de participantes num mesmo tempo e espaço (janeiro 2005).

Além das práticas já implementadas em 2002 e 2003, algumas merecem destaque nessa edição:

- *Espaço Lògún Ede*: constituía o maior espaço da visibilidade e discussão da temática sobre homossexualidade e diversidade sexual, buscando ampliar a concepção de identidade e gênero para além das questões biológicas e culturais, debatendo a questão dos direitos humanos, sexismo e fundamentalismo.

- *A Comissão de Saúde*: surgimento de uma nova comissão de organização, ligada ao trabalho da questão da saúde. Organizaram o Espaço Ernesto Che Guevara, de aplicação de práticas alternativas de saúde e de debate sobre a temática e construção de novas políticas nessa área. Envolvia estudantes e profissionais da área da saúde: medicina, enfermagem, psicologia, entre outros.
- *Construção da Cidade Hip-Hop*: território do movimento Hip-Hop, congregando pessoas vindas de todo o país, constituindo um importante passo na consolidação de uma identidade nacional do movimento. A proposta nasceu dos Seminários Nacionais realizados em 2003 e 2004 e teve programação própria.
- *Extinção da Comissão de Cultura*: após a experiência do FSM de 2004, a cultura passa a ser compreendida como elemento da identidade cultural dos participantes. A proposta, então, era promover espaços de expressão cultural, tendo-a como eixo transversal. A comissão de programação passa a ter esta preocupação: dinamizar e possibilitar diferentes expressões culturais para além da apresentação em palcos.

Os problemas de gestão de uma grande cidade começam a aparecer de forma significativa no Acampamento. O inchaço causou problemas de “ingovernança” do espaço tão acalentado pelos seus idealizadores. O número elevado de participantes e sua diversidade produziram uma perda de referências para seus organizadores (COA) e também para a gestão da cidade (interface de infra-estrutura para viabilizar uma condição mínima de infra-estrutura para essa população esporádica).

A proposta de autogestão se esvai por esses números e se expressa fortemente no item segurança. Conflitos entre grupos juvenis (skinheads versus punks, por exemplo) acirram os ânimos dentro do espaço do AIJ e produzem a interferência e presença das forças públicas, por meio da Brigada Militar, invertendo o processo instituído com tanto denodo pelos jovens coordenadores do AIJ. Há muitas ocorrências de furto e roubo e relatos de muitos casos de estupro (entretanto, sem nenhum registro policial confirmado), o que gera um grande clima de insegurança no Acampamento. A autogestão já questionada na versão de 2003 ficou totalmente inviável em 2005.

Sem exageros se poderia deduzir que há um esgotamento do AIJ como proposta, mas valorização enquanto experiência. A autogestão foi uma peça-chave do processo, e quando não há adesão, a proposta extingue-se na sua raiz.

## **A relação com o FSM**

Em relação ao FSM, há uma grande diferenciação em 2005: Acampamento e FSM ocupam o mesmo espaço: a orla do Rio Guaíba, uma grande extensão da cidade de Porto Alegre. Agora, ambas as experiências estão localizadas em espaços públicos, dialogando com a cidade.

É importante relatar que desde 2003 existia um movimento interno no COA (principalmente dos estudantes de arquitetura que planejavam o espaço) que argumentava (e, de certa forma, pressionava) que o FSM deveria sair de um espaço privado para um espaço público, existindo até mesmo estudos preliminares para essa mudança (elaborados pelos próprios jovens). Esses jovens, em 2004, constituem a pedido do COB um “ateliê” que tem por objetivo pensar uma proposta de ocupação do FSM em espaços públicos da cidade.

Destacamos que existe uma importante influência do Acampamento nesse processo do FSM. Além da participação de membros do Acampamento no planejamento da ocupação do fórum em espaços públicos e construção de seu plano diretor; na mesma concepção de formação de uma cidade, algumas práticas implementadas pelo FSM em 2005 já eram aplicadas no Acampamento. Conceitos como bioconstrução e moeda social são introduzidos como práticas pelo FSM.

Esse elemento constitui uma importante aproximação do FSM e do Acampamento, modificando a lógica de relação entre ambos os espaços. Existe uma crítica por parte dos jovens de que o fórum seria um espaço congregador de movimentos anticapital-

istas, de novas práticas sociais, mas era construído a partir de uma lógica muito tradicional, institucionalizada. O Acampamento representava um potencializador para o FSM por sair da dualidade de discurso e prática e ser fundamentado sob uma óptica de práticas sociais conceituais, ou seja, de discussão dos conceitos a partir de sua implementação. E, nesse sentido, o número de acampados (35 mil) representava a aplicação dos conceitos nas condições próximas de uma cidade “real”, o que qualificava sua experiência.

## **Mídia escrita: a opinião pública**

As matérias divulgadas contemplaram, conforme segue abaixo, o leque de fatos que ocorreram durante o AIJ de 2005. Por mais que alguns termos tenham sido supervalorizados em sua dimensão, chamando para o sensacionalismo em algumas vezes, os registros impressos revelaram tanto os elementos positivos das inúmeras iniciativas propostas e executadas dentro do ideário “da nova geração política” (saúde, alimentação, cultura, gestão) como os elementos negativos (segurança, roubos, ações da polícia, drogas etc.). Nos depoimentos dos jovens do COA e em alguns documentos foi bem expressa essa situação-limite, quase que totalmente incontrolável em sua dinâmica.

### **“Os indianos estão em casa**

*Centralizada às margens do Guaíba, a atual estrutura do fórum pode parecer estranha para os gaúchos que se acostumaram ao conforto da PUC, ‘sede oficial’ do evento de 2001 a 2003. Mas a comitiva indiana e os delegados que foram a Mumbai participar da edição passada do fórum estão ‘se sentindo em casa’. A comparação, inevitável, leva a uma conclusão: Porto Alegre realmente parece ter se rendido à Índia. Foi em Mumbai, por exemplo, que surgiu o termo ‘bioconstruções’. Lá o evento foi realizado em uma fábrica abandonada, recuperada às pressas com materiais indianos.” (ZH, 27/1/05, p. 10)*

### **”O mundo do fórum**

*Lixo vira adubo*

*Um grupo de cerca de 40 jovens ligados a movimentos de defesa do ambiente escolheu a beira de um capão de mata nativa, no Acampamento Intercontinental da Juventude, para montar suas barracas e realizar atividades de proteção ambiental. Entre as ações, os voluntários recolhem lixo orgânico no Parque Sirotsky Sobrinho e, por meio de compostagem, transformam-no em adubo. O fertilizante natural será depositado no mato local.”*

*“Uma refrescada*

*A sala batizada de ‘Laboratório de Conhecimentos Livres’, com acesso à internet para acampados, é um alívio no Acampamento Intercontinental da Juventude. Com sistema de ar-condicionado para proteger os cerca de 70 computadores que abriga, o refúgio mantém uma temperatura de aproximadamente 20°C, servindo de alívio para o calor porto-alegrense. As paredes feitas de barro com material reciclável e o teto de papelão ajudam a manter o frescor. O único senão é a fila: para desfrutar do clima (...), a espera média era de 20 minutos na tarde de ontem.”*

*“Apaga a luz aí, gente!*

*Em um ambiente em que a responsabilidade ambiental é tão exaltada, chamaram a atenção as luzes acesas sobre as barracas do Acampamento Intercontinental da Juventude na tarde de ontem. Poupar energia é evitar combustão de carvão e poluição do ar pelas usinas termoelétricas e inundação de mais áreas pelas hidrelétricas. A Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) garante que a responsabilidade pela iluminação é da organização do fórum.”*

“Banho pelado

Os 200 chuveiros instalados pelo Departamento Municipal de Águas e Esgotos no Acampamento Intercontinental da Juventude foram suficientes para evitar filas na manhã de ontem. Nada (...) à espera dos que (...) tomar banho de biquíni ao ar livre – e na mira do olhar dos ‘curiosos’. (...)

Algumas pessoas não se importaram em serem espiadas. (...)”

OBS.: os (...) no texto são partes ilegíveis nesta matéria (ZH, 25/1/05, p. 10)

#### “Ação detém punks em Porto Alegre

Polícia recebeu denúncia de que suspeitos atacariam rivais skinheads no Acampamento da Juventude

Um grupo de 43 punks que portavam mais de 30 coquetéis molotov e cinco rojões com poder de destruição ampliado foi detido, na tarde de ontem, por agentes da Delegacia do Turista do Departamento de Polícia Metropolitana. A prisão foi feita em uma casa da Rua João Teles, no bairro Bom Fim. Entre os detidos, 32 são oriundos de São Paulo e os outros de Brasília, Pernambuco, Minas Gerais, Argentina, Uruguai e EUA. Apenas cinco eram de Porto Alegre. Os policiais suspeitam que os punks pretendiam atacar grupos rivais no V Fórum Social Mundial (FSM), isso porque alguns deles teriam sido agredidos e obrigados a deixar o Acampamento da Juventude.

A ação policial começou às 17h30min, quando mais de 30 agentes do Grupo de Operações Especiais do Denarc e policiais de delegacias da região central cercaram o lugar, sob o comando do delegado Paulo César Jardim. Com a inscrição ‘Espaço Kultural’, a casa abandonada foi ocupada há seis meses e servia de alojamento para punks que chegam para o FSM. No local também foram encontrados, além dos molotovs, um vidro com pólvora e uma faca. ‘Estávamos apenas nos protegendo dos carecas, nossos inimigos’, argumentou um dos jovens. Vizinhos lembram que antes o imóvel era habitado por mendigos e assaltantes. A briga com o grupo rival, os skinheads, estaria ocorrendo há dois meses. ‘Eles chegam aqui à noite, apedrejam o lugar, depois fogem ou brigam na rua’, comentou um vizinho. A polícia não descarta a hipótese de o grupo estar envolvido com os atentados contra duas agências bancárias da cidade, as quais tiveram coquetéis molotovs arremessados contra os vidros.” (CP, 29/1/05, p. 19)

## 4 - Conceito de juventude

Um capítulo interessante no processo do Acampamento e muito relevante em nossa abordagem é perceber o processo de ressignificação do conceito de juventude ao longo das edições do AIJ e sua experiência. Percebemos que o conceito de juventude que se expressa ao longo dos documentos e das entrevistas é relacionado com uma combinação entre elementos gerados nas lutas dos militantes em suas mais diversas inserções e organizações prévias ao AIJ e aquelas geradas durante as cinco edições.

Inicialmente, juventude é conceituada nos primeiros documentos do acampamento da seguinte forma: “Os nossos mais diferentes matizes convergem no entendimento de que a juventude é um momento privilegiado na vida do indivíduo, é nessa fase que ocorrem as suas grandes opções. Compreendemos que essas opções de mundo devem ser disputadas. E mais, que devemos realizar disputa ideológica de juventude”.<sup>15</sup> O texto continua com essa relação muito próxima com o “entorno” onde o FSM se realiza, a cidade de Porto Alegre e suas experiências de gestão participativa e democracia direta através das políticas do Orçamento Participativo e da criação dos Conselhos da Mulher, do Negro, da Juventude, da Liberdade Sexual, entre outras iniciativas que estreitavam os laços entre sociedade civil e Estado. O mesmo texto da citação acima assim expressa essa noção de juventude: “Uma geração de jovens já convive e interage com os princípios da participação ativa e propositiva, na perspectiva de ser sujeita e construtora de sua história. Essa juventude tem um importante papel a desempenhar neste Fórum Social Mundial, afirmando valores da participação e da solidariedade”.

Por uma outra concepção, que pode ser entendida como complementar à acima, está a reflexão de um membro<sup>16</sup> do COA, que assim se expressa:

“(…) nenhuma paciência com o termo juventude. Para mim, ele sempre vinha associado à idéia ‘juventude do partido’, ou seja, uma seção burocrática do aparelho partidário que tinha a função de encontrar novos membros a formar quadros (...). Aceitar o nome sempre me soou como uma forma de aceitar os termos da classificação que te era imposta – basicamente aceitar ser chamado de inferior – e a partir daí legitimar uma relação de duas mãos que sempre me pareceu horrível: de um lado, ser ‘bucha de canhão’ com a responsabilidade de mobilizar, de divulgar etc. políticas de cuja elaboração você não participava; e, por outro lado, os ‘quadros’ [jovens] se colocarem exatamente nessa relação de subserviência, e ao invés de desenvolver a própria capacidade crítica em relação a uma visão de conjunto, basicamente seguir as ‘linhas dos adultos’ e entender que a sua área de elaboração e debate era restrita ao espaço de juventude”.

Essa concepção expressa a questão da juventude como secundarizada socialmente, ligada a uma idéia de subordinação ao mundo adulto, dentro de uma idéia de “moratória social”, onde está restrita a espaços de participação designados pelo “mundo adulto”, com funcionalidades específicas ligadas à categoria social (mobilizar, divulgar, dar visibilidade).

Outra caracterização de juventude aparece especificada na fala da jovem Carla e vem agregar elementos no processo de ressignificação do conceito: “É esse termo juventude é muito capitalista. A juventude é uma criação do capitalismo, a gente está querendo romper com esse sistema”. A reflexão apresentada pelo COA era de que essas conceituações de juventude já não “serviam” para definir a experiência que vivenciavam, o protagonismo no Acampamento ia além da questão etária e da condição de segmento, percebia-se um esgotamento do termo.

Se tomarmos em conta que uma parcela dessa juventude militante ocupa/ocupou cargos na máquina pública como parte de políticas públicas de juventude ou mesmo a função de “cargos de confiança” em diversas secretarias de governo, é possível construir um quadro interpretativo que contemple essas três fontes que alimentam o “conceito de juventude” presente entre os sujeitos do AIJ: a) jovens militantes com elevada sensibilidade política para com os temas da conjuntura econômica, política, social, ecológica, nacional e internacional; b) jovens com inserção partidária, sendo quadros e formando novos quadros; e c) jovens em cargos da máquina pública em funções de confiança tanto no plano técnico como no político.

Na etapa inicial do FSM esses jovens se sentiam desafiados a participar para além da condição subordinada de ser responsáveis somente pela viabilização de hospedagem dos seus “pares” que não teriam recursos para bancar despesas de hotel. Também revelaram que a ausência deles nas “primeiras movimentações da construção da primeira edição do FSM em 2001” foi fundamental para uma demanda de que os direitos da juventude fossem atendidos. Essa retrospectiva histórica é importante para destacar a primeira conceituação de juventude presente no AIJ: demarcar uma presença no FSM que sinalizasse a superação de uma condição subordinada. Já em 2002 essa concepção vai se tornando mais afirmativa do que reativa ao que os outros esperam dos jovens, e é na criação do COA que isso se torna mais efetivo a partir do que eles (jovens) nomearam como “*processo de conceituação do acampamento*”, que constituía território de práticas anticapitalistas, sendo necessário romper também com as lógicas desse sistema.

A síntese que parece representar melhor o conceito de juventude poderia ser entendida como uma combinação das trajetórias militantes dos jovens, de suas inserções nos partidos e na máquina pública e de sua participação na “mudança” do AIJ dentro da estrutura do FSM. Mas é na concretude da gestão do AIJ (e especialmente a partir de 2002) que essa síntese opera nesse conceito, como diz André Mombach:

“Mas acho que tem uma questão forte que é essa ‘metodologia de organização’ mesmo, do processo organizacional, da concepção de entender uma metodologia de organização que era muito pautada por uma idéia de uma ‘nova geração política’, de uma nova prática de fazer política; ela está muito [presente], e principalmente a partir do 2º Acampamento ela dá a tônica e começa a conflitar com as dinâmicas brasileiras de organização de juventude também, de organização temática de juventude. Então, são processos que se conflitam internamente, entre a juventude, entre as organizações de juventude e principalmente se expressam com mais força em relação ao fórum e vêm pautando, vêm disputando, vêm criando configurações de organização de um processo como o fórum em cima da prática”.

Nessa longa citação pode-se encontrar a noção de juventude a partir da convergência de trajetórias e diversas inserções que são mediadas pela prática (da gestão do AIJ). Juventude se torna uma categoria que “compacta” os tempos do passado (trajetórias) com os do futuro (toma a retórica e o discurso do FSM do outro mundo possível) no ato do presente (através da prática). Ao se afirmar como nova geração política não deixa de negar uma identidade juvenil, porém, apresenta-se através de significações que busquem traduzir melhor o processo que estão vivenciando e, conseqüentemente, sua identidade. Essa noção se aproxima muito da contribuição de Alberto Melucci (2001, p. 105), quando este diz: *“A cultura juvenil exige, então, da sociedade o valor do presente como única condição de mudança; exige que aquilo que vale se afirme no aqui e no agora; reivindica o direito à provisoriedade, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas”*. Os jovens do COA acrescentam ainda algo mais nessa passagem, pois fazem do presente – a experiência da prática – o vislumbre dos seus sonhos do outro mundo possível.

## **5 - COA: dinâmica interna**

### **5.1 – Autogestão e horizontalidade: conceitos “praticados”**

O COA apresenta alguns princípios que são interessantes de ser analisados, pois traduzem parte do que representava a dinâmica do Acampamento. Nossa análise privilegiará o COA, mas, ao fazermos isso, projetamos a dinâmica do Acampamento. Algumas práticas desse comitê que destacamos: horizontalidade, descentralização, rotatividade nas representações no COB, fundamentação teórica para os conceitos que buscavam colocar em prática, preocupação em discutir o processo, não-verticalização das decisões, mais as longas assembléias para discutir e posicionar-se enquanto “Acampamento”.

Esses conceitos como horizontalidade e autogestão estão imbricados com a experiência do AIJ. Os jovens entrevistados e os documentos cedidos transmitem essa relação direta entre conceitos e práticas. Mesmo que tenham ocorrido momentos de formação e momentos de estudo e reflexões, como foi o caso do estudo do documento a respeito da Comuna de Paris, podem-se considerar como decisivas as experiências e desafios pela responsabilidade em administrar o espaço do Acampamento, como fortalecedoras da abordagem da horizontalidade e autogestão.

Outro aspecto que influenciou no uso desses dois conceitos se refere ao contexto da cidade de Porto Alegre e sua experiência de orçamento participativo, assim como o das bandeiras de luta do FSM. O princípio de não ter lideranças únicas para representarem, tanto o COA como o FSM, atendia ao conceito de horizontalidade. A aplicação da autogestão se exercia tanto através da experiência concreta do AIJ como naquilo que ocorria, em parte, na cidade de Porto Alegre. A prática da autogestão se expressava no microespaço da composição do COA e na gestão de todo o espaço do AIJ. A denominação Cidade das Cidades em 2003 foi destacada nos documentos não como uma pretensão de totalidade, mas como um respeito à diversidade da sua organização (em bairros), que era coordenada por um conselho de gestão e não por uma única pessoa (prefeito, por exemplo).

Percebemos uma lógica democrática ligada mais à participação direta do que à representatividade, e essa é uma importante mudança de lógica apresentada por esse grupo no sentido de construir novas relações políticas. Logicamente esse princípio vai apresentar limites relacionados com essa participação, pois parte do pressuposto de envolvimento dos atores do processo, fato que nem sempre se concretizou na prática.

## 5.2 – Desafios do cotidiano: da segurança à comunicação

A dinâmica do AIJ exigiu dos jovens do COA disponibilidade antes mesmo de sua realização e dedicação durante todo o ano, com liberação dos cargos de confiança, formando-se, assim, uma pressão no partido e no(s) governo(s) (municipal e estadual). Esse processo se acentuava no período que antecedia a realização do AIJ, pois demandava dos jovens disponibilidade para os contatos externos: mídia, governo, secretarias, FSM, grupos culturais, segurança, empreendimentos solidários, movimento dos recicladores etc.

A experiência da gestão levou o COA a ir formando uma concepção de “ser Estado”, por meio de respostas que davam para as demandas apresentadas por essa condição. Como a decisão dos jovens era de não repetir as ações de um poder de Estado através da óptica representativa (hierarquizada, burocrática, formal, etc.), e sim seguir uma proposta autogestionária, era natural que tivessem momentos ímpares nessa função. Mateus, um dos membros do COA, resume isso ao dizer que:

“Aí que eu fui me envolver com outra questão que talvez tenha sido a mais assustadora da minha vida, que foi a segurança do Acampamento. E aí é uma coisa que chega a ser meio desumana pensar o esquema de segurança (...).Aí nós tínhamos um GT de segurança que passou um bom tempo fazendo um lindo debate sobre qual o conceito de segurança que nós queremos, qual o modelo de segurança pro mundo, e quando começou o fórum e o Acampamento, se debatia e não se tinha um sistema de segurança real que funcionasse e atendesse a demanda daquelas 35 mil pessoas acampadas no parque”.

A fragilidade desse aspecto foi registrada no quinto AIJ como um sinal evidente do limite quantitativo dessa alternativa em reunir pessoas com um objetivo comum, pois este ficou distorcido pela sua materialidade. Os jovens vivenciaram também os limites das ações policiais no uso de seus poderes, indo além dos limites, ou mesmo as empresas privadas contratadas, que falharam totalmente nessa tarefa. Os aprendizados foram muito marcantes para os membros do COA.

Se a segurança tinha esse desafio e esses limites concretos, também houve uma grande preocupação com a mídia. Esta, ao divulgar os fatos do AIJ, trazia preocupações para a Comissão de Comunicação no sentido de conter ou negociar com os veículos da imprensa para não estereotiparem negativamente o conteúdo das manifestações dos participantes do AIJ, das passeatas, das condições de higiene, alimentação e segurança. Diferentemente da geração dos anos 60, quando a ação clandestina era uma parte da estratégia da sobrevivência dos movimentos juvenis, agora, durante o Acampamento, a força do movimento e do AIJ estava na visibilidade, na explicitação dos fatos, como expressa Mateus: “(...) era um cuidado, porque o primeiro Acampamento tinha se tornado um estereótipo midiático dos punks com seis cores de cabelo, das pessoas que estavam tomando banho peladas, os estereótipos midiáticos desde outro mundo possível, de liberdades”.

Segue o Mateus, agora no aspecto propositivo da ação comunicativa do COA: “sabe, tem que dizer as coisas também, porque sempre teve isso, de um lado o estereótipo da midiatização e do outro lado tinha as rádios comunitárias funcionando com software livre, transmitindo com sinal pirata pra região de Porto Alegre, construído em um prédio de parede de barro”.

Ao longo do texto, fomos apresentando elementos retirados do material de clipagem sobre o AIJ que ilustram bem as distorções feitas pela mídia e as falas dos organizadores, preocupados em mostrar algo além do “circo armado”. Nesse sentido, é interessante perceber que a mídia representa um olhar adulto, ideologicamente constituído, e favorece um olhar sobre a juventude como um problema social. Mesmo com todas as proposições que o Acampamento apresentava e que, inegavelmente, também ocuparam lugar na mídia, os maiores destaques estão relacionados ao exótico, à festa, à transgressão, à violência etc. Dessa forma, a cidade de Porto Alegre, aqui entendida como os moradores que buscavam nesse meio informações sobre o que estava acontecendo em seu entorno, era induzida a ver o AIJ mais como um “Woodstock” do que um “laboratório de práticas anticapitalistas”.

## 5.3 – Economia popular e solidária, sustentabilidade e reciclagem

Este tema era a própria expressão do fundamento que instituiu o AIJ, o de tornar concreto o discurso do “mundo adulto”: “um outro mundo será possível se o mundo da economia for regido por outros princípios que não os da economia neoliberal, da globaliza-

ção e da democracia nas relações econômicas entre pessoas e países”. No projeto da economia popular solidária do AIJ isso ficava assim expresso:

“Sabendo do objetivo real do AIJ, que é ser agente de transformação, a Economia Popular e Solidária e a autogestão tornam-se indispensáveis para a democratização da economia, com isso a Comissão de Economia Popular e Solidária tem o objetivo de trabalhar com ações que sejam uma alternativa real ao capitalismo, onde neste espaço instigaremos a organização de uma economia autogestionária, cooperativa, democrática e justa, estando este tema também relacionado a diversos eixos de trabalho e discussão, como sustentabilidade ambiental, soberania alimentar, comércio justo e solidário, educação econômica, saúde, gênero, etnia, entre outros”.

Baseadas nesses princípios e buscando uma “outra lógica econômica”, foram implantadas no AIJ práticas como a moeda social, grupos de trocas solidárias, potencialização e fomento de grupos autogestionários e cooperativados através do fornecimento de produtos para as praças de alimentação. E conjuntamente com essas práticas existia a discussão conceitual dessa temática, problematizando a questão do consumo e buscando ampliar o debate sobre economia solidária. Somente a implementação das práticas não basta: é preciso criar uma nova concepção de “cultura de consumo”. Nesse sentido, percebemos essas duas questões aliadas ao cotidiano do Acampamento. Certamente houve limites no fornecimento dos produtos, pouca estrutura dos grupos autogestionários e cooperativados, pouca adesão à moeda social, mas a experiência de implementação traz consigo um importante aprendizado sobre as relações de mercado e economia e suas potencialidades.

#### 5.4 – Experienciar o outro mundo na própria vida (pessoal)

O envolvimento pessoal com a organização do AIJ era quase que total, caracterizando uma entrega e dedicação exclusiva à causa: passavam o ano inteiro envolvidos na dinâmica de preparação do Acampamento, que transcendia a sua realização. Isso é um destaque importante de fazer: o Acampamento não requeria apenas preparo para uma ação pontual. Ele envolvia todo um processo de organização, planejamento, diálogo e negociação necessário para garantir sua realização. E, nesse sentido, são inúmeras as histórias de dedicação ouvidas desses jovens: semestres perdidos na faculdade, empregos deixados de lado, brigas familiares, salários divididos (dos cargos de confiança na máquina estatal administrada pelo PT) com outros jovens, negociações com as estruturas partidárias e com o Comitê do Fórum a fim de garantir liberação de trabalho para envolver-se no Acampamento. Essa base material foi estratégica para a assim chamada “profissionalização” dos jovens, para abrirem sua agenda totalmente para a efetivação e gerenciamento do AIJ ao longo de suas realizações tanto em Porto Alegre como em Mumbai.

A dinâmica do Acampamento trouxe significativas mudanças na vida desses jovens, levando-os a outro processo de engajamento político e social, mais amplo e descentralizado, menos aparelhado. Os jovens do COA, depois desse momento de crise e questionamento pessoal devido a toda sobrecarga emocional que significou o decorrer das edições do Acampamento, de revisão dos projetos de vida, hoje passam a desenvolver trabalhos em ONGs, movimentos populares, pesquisa, trabalhos autogestionários e alternativos, todos ligados a temáticas específicas que eram trabalhadas de alguma forma no Acampamento. Nos depoimentos dos jovens encontramos reflexões bem expressivas desse momento pós-realização do último AIJ: “Terminou e aí eu entrei em crise, claro, eu só fazia isso... Em crise com minhas convicções políticas, também com o espaço em que eu vivia, que era um espaço político partidário. Durante o quinto Acampamento eu desenvolvi uma LER [lesão por esforço repetido] bem forte de reação a coisas. Depois foi administrar isso, administrar novos tempos, novas...”<sup>17</sup>. E outra jovem diz: “Bom, hoje é mestrado, depois da depressão de 2005, acaba o fórum, todo mundo em crise, desemprego, dificuldades financeiras”<sup>18</sup> ou ainda mais este: “Pra encerrar, depois de todo esse universo de coisas, eu passei aí bom tempo na depressão pós-parto, ou depressão pós-acampamento, todo mundo que vivenciou aquela energia, aquele pandemônio, caiu depois, todo mundo tem um baque e depois volta”<sup>19</sup>.

Nessa seqüência de depoimentos se percebe a clássica marca da dedicação ou mesmo da entrega dos jovens para suas lutas, bandeiras e projetos. No AIJ foi mantida essa mesma característica de generosidade juvenil, mas, ao mesmo tempo, uma explicitação de seus limites psíquicos, físicos e profissionais. Resultantes dessas reflexões surgem as iniciativas dos jovens de “arrumar” vida por

meio da inserção profissional em projetos que gerem renda, dentro de uma mesma visão crítica ao mundo neoliberal, de economia popular e solidária, comunicação alternativa e assessorias no campo ambiental. Ao mesmo tempo desejam completar os estudos, concluir sua carreira e produzir um rearranjo nas ações coletivas, antes juntas no mesmo território – como foi o caso do AIJ –, num território virtual, por meio de redes comunicativas entre si e com o mundo todo.

Vale destacar ainda que esses jovens do COA incorporaram uma visão mais dialógica com os demais jovens agrupados em formas identitárias de matriz cultural e não só político-partidária, nem do movimento estudantil e de pastorais. Já estão os grupos do hip-hop, do MNMMR (Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua), dos ambientalistas, entre outros. É importante mencionar que as novas inserções pessoais e profissionais, como assessorias a pequenos agricultores e outras formas de atividade, estão mediadas por organizações de terceiro setor, vinculadas a uma experiência de esquerda, em algumas situações com relações partidárias, mas autônomas na execução de seus projetos e propostas.

Além disso, cabe apresentar a intensa participação de jovens voluntários que aderiam ao trabalho ligado aos GTs (facilitadores, tradução, entre outros) e realizavam importantes tarefas dentro do cotidiano do Acampamento, muitos desligados de qualquer representação institucional, e o faziam sem recebimento de bônus, como doação a um trabalho social “com outra proposta possível”.

## 6 - A EXPRESSÃO PÚBLICA DA DEMANDA

A “nova geração política”, forma como os jovens se identificaram, além do item sobre comunicação já mencionado, teve uma inspirada ação comunicativa que foi a de transformar a Cidade das Cidades numa expressão pública de suas demandas. Foram muito além da passeata, do protesto, greve ou manifestação: investiram na criação de um espaço. E nesse espaço se articulavam as mais diversas formas de ação comunicativa com o mundo “de fora”: todas as ações coordenadas pelo COA ou outras de forma espontânea revelavam uma linguagem com conteúdos e formas novas.

Assim, desde os tradicionais *banners*, avisos e mapas foram misturados com rituais místicos, cantos, celebrações, manifestações culturais, sons de várias modalidades, espaço da liberdade sexual etc. Ao mesmo tempo que esses fatos eram registrados pelo público, havia uma base que sustentava essa expressão concreta de uma juventude acampada: havia um “plano diretor” do Acampamento, um espaço projetado e executado, que incluía a organização dos territórios, gestão do Acampamento, organização das atividades propostas etc.

Essa marca concreta da demanda pública também era a tradução efetiva do que representavam as iniciativas dentro daquele espaço. A autogestão, a horizontalidade, a sustentabilidade, a diversidade sexual, cultural, religiosa etc., tudo isso se expressava na linguagem dos sons, dos corpos, das palavras, dos gestos, das cores. Também, sem contratempos, é claro, havia a concreta manifestação dos “direitos” de cada um dos grupos, organizações, movimentos, ações culturais dos jovens acampados.

O direito de ser diferente se expressava com todo seu vigor, com toda sua contundência, com toda sua vontade em tornar concreto esse outro mundo possível anunciado em outras partes e espaços do FSM. Numa citação muito inspirada de André Mombach isso aparece, mesmo que esteja se referindo à criação da Rede Internacional da Juventude: “*Mas somente em 2003 soubemos fazer da diversidade a nossa maior força*”. Essa frase é muito representativa daquilo que ocorria dentro do AIJ e com os componentes do COA e era também a expressão de uma mensagem pública dessa rica e complexa experiência do Acampamento.

Nesse sentido, o maior mérito dessa concepção de espaço é possibilitar a expressão e a manifestação de diversos direitos apoiados nas práticas e discursos dos indivíduos, grupos e organizações presentes no AIJ. Reconhecidamente território de direitos, o AIJ possibilitava a visibilidade, por exemplo, da juventude negra, da juventude da periferia, da diversidade sexual, das mulheres, entre outros, desde que esses segmentos se organizassem de forma a assegurar a expressão e o debate da garantia de seus direitos, encontrando em outros indivíduos, grupos e organizações interlocutores de adesão, formando redes de cooperação.

De certa forma, isso potencializava os indivíduos, grupos e organizações a dar segmento ao processo de construção de políticas públicas em seu lócus de atuação, visto que o AIJ servia como espaço de visibilidade temática, de discussão e ampliação de conceitos e formação de redes.

## 7 – O Acampamento Intercontinental da Juventude: uma demanda em perspectiva

O objetivo desta pesquisa, como afirmamos anteriormente, é perceber os processos de organização juvenil em torno de uma demanda específica, buscando leituras sobre suas dinâmicas e inter-relações. Nessa perspectiva, o Acampamento apresenta uma concepção de demanda que se alterna conforme o processo vivido nas edições.

O surgimento do Acampamento Intercontinental da Juventude está atrelado a uma demanda de participação do segmento juvenil no Fórum Social Mundial. Evento que pretendia congregiar diferentes segmentos da esquerda mundial, despertou o interesse de participação de uma grande diversidade de movimentos, organizações e grupos juvenis identificados com sua proposta. Entretanto, o evento previa participação apenas de delegados inscritos através das instituições de terceiro setor e Estado que representavam. A participação juvenil dar-se-ia, então, através das próprias delegações. Nesse sentido, a participação de jovens estava vinculada às inscrições das entidades para o fórum.

Imbuídos de um desejo de participação, jovens de diferentes organizações e movimentos (juventudes partidárias, movimentos estudantis, pastorais, diretórios acadêmicos, entre outros) iniciaram uma articulação a fim de garantir sua participação e a inserção de uma pauta de discussões referentes ao segmento juvenil no Fórum Social Mundial. Nascia, a partir desse processo, a idéia de realizar um acampamento de juventude que servisse como hospedagem para os participantes que não teriam como arcar com as despesas e como espaço aglutinador de discussão das temáticas do fórum sob a óptica juvenil.

O Acampamento surge, então, a partir de uma demanda de participação no Fórum Social Mundial, da inclusão do segmento juvenil em um evento organizado pelo mundo adulto e que pretendia ser um momento privilegiado de encontro de experiência de construção de “um outro mundo possível” em uma escala global. Encontra-se um limite de não haver no fórum um espaço específico da juventude. A participação no fórum está atrelada a uma lógica de subordinação a um modelo proposto “pelo mundo adulto”, sob uma organização, avaliada posteriormente dessa forma, em um modelo tradicional das estruturas de esquerda.

Na primeira edição do Acampamento estão marcadas as representações das organizações de juventude de segmentos como partidos políticos e movimento estudantil, num modelo de organização muito próximo ao do fórum (representação por organização, formação de comissões).

Entretanto, no processo do Acampamento, vamos percebendo que há uma mudança radical nessa demanda. Se no primeiro Acampamento a busca é por participação no fórum, no segundo a proposta é organizar um espaço de práticas sociais alternativas ao capitalismo, de concretizar discursos que eram debatidos teoricamente no fórum. Com isso, a demanda se altera, voltando-se para questões relacionadas com a construção desse espaço, denominado na época (2002) Cidade da Juventude Carlo Giuliani.

Esta é uma leitura importante: o processo vivenciado pelos jovens no Acampamento sai de uma demanda de espaço de participação para uma demanda de ferramentas e instrumentos necessários para a construção de seu próprio espaço de representação, independente, mas ao mesmo tempo atrelado ao Fórum Social Mundial.

Cabe lembrar que essa noção de espaço começa a ser consubstanciada por outra conceituação: não um espaço de representação, mas de experiência, sendo um espaço de vivência de uma experiência do possível. Está articulado com uma série de outros conceitos, como nova geração política, autogestão etc.

As demandas, segundo o primeiro informativo (anexo), podem estar associadas à dimensão de juventude que apresentavam: *“Compreendemos que essas opções de mundo devem ser disputadas. O objetivo é congregiar a juventude por uma participação inicial do FSM como uma participação no FSM”*. Essa foi uma visão fortalecida dentro das concepções iniciais que orientavam o FSM e o AIJ. Aos poucos a demanda foi sendo canalizada para aproximar palavras de atos, de práticas, e estas de forma de ações concretas através

das diversas comissões existentes. Assim, as demandas foram sendo canalizadas de uma origem no discurso da disputa para uma ação concreta e viável desse “outro mundo possível”.

## 8 - Mobilização para participação

A partir de uma situação subordinada na qual os jovens solicitavam um reconhecimento para poder participar na condição de delegados ou representantes com direito a voto, se processa um movimento na direção da autonomia desse ator político, num processo de mudança nas lógicas de participação e inserção política. Após a experiência do AIJ, os atores envolvidos nesse processo se abrem para a vivência de uma militância fora de estruturas aparelhadas, mais autônomas e representativas dos conceitos vivenciados no Acampamento. Uma frase de um dos entrevistados (Rodrigo Nunes) caracteriza esse elemento: *“A grande contribuição e ‘novidade’ que tínhamos para oferecer era a idéia de uma militância fora de partidos e de aparelhos, que se voltava à ação direta e a construção de circuitos alternativos ao invés de seguir uma agenda vinculada à política eleitoral; [outra novidade eram] as práticas (software livre, economia solidária etc.)”*.

Essa novidade da participação política desvinculada das estruturas tradicionais do partido representa uma característica afirmativa dessa nova geração política, abrindo referências para novas formas de conceber a política e sua representação democrática.

Da mesma forma, nessa situação-tipo a concepção de política pública é diferenciada. Na relação entre o Acampamento e o poder público (prefeitura e Estado), percebemos que não há construção de políticas públicas diretamente relacionadas com o Acampamento, entretanto, existiu disponibilidade do poder público em contribuir efetivamente nesse processo, investindo recursos financeiros, oferecendo infra-estrutura através das secretarias, condicionando a ação da Brigada Militar, entre outras ações que poderíamos citar.

Não é a solicitação de uma política pública a ser criada, especificamente ligada à experiência do Acampamento, mas uma ligação direta com as políticas existentes, tensionadas com as políticas de realização do AIJ, decorrentes das necessidades de alimentação, espaço, segurança, infra-estrutura, recursos humanos (liberação dos CCs) etc.

Nesta análise não podemos desconsiderar o fato de que muitos dos jovens do COA tinham ligação com o PT (seja por militância própria ou familiar) e que os governos que mais investiram e deram essa abertura também eram do Partido dos Trabalhadores, existindo uma predisposição da representação partidária. Entretanto, essa relação do Estado com o AIJ não é aparelhada nem subordinada, e essa é uma caracterização importante, pois os jovens não seguiram carreira no partido e, mesmo envolvidos em cargos de confiança, não representaram o partido nas instâncias do AIJ, pois ele era suprapartidário, assim como o FSM (conforme carta de adesão do fórum).

Em relação às demandas específicas dos diversos segmentos juvenis que estiveram representados no AIJ e encontraram lá espaço para sua manifestação e construção de alternativas, como afirmamos anteriormente, convém destacar que o Acampamento amplia a idéia de demanda específica desses segmentos (educação, trabalho, cultura etc.) para questões mais gerais, como autogestão, economia solidária, auto-sustentabilidade, diversidade sexual, entre outros, dando outra visibilidade para a construção de políticas para essas demandas. O AIJ, como território de “reconhecimento das juventudes”, favorecia a livre manifestação da diversidade; as demandas clássicas e específicas dos jovens são mantidas e também “ampliadas em número e qualidade”. Assim, as demandas por qualidade do ensino, acesso aos bens culturais e emprego vão recebendo acréscimos como: livre expressão sexual, autogestão, economia solidária, sustentabilidade etc.

O que se torna instigante é que essas demandas estão associadas com outros segmentos da população. As demandas da juventude passam a ter também uma relação solidária com o conjunto da sociedade, pois os jovens compreenderam que as “ações concretas de um outro mundo possível” ocorridas dentro do AIJ (como o planejamento do espaço do Acampamento; a gestão da Cidade das Cidades; as iniciativas da economia solidária e a multiplicidade cultural, entre outros) transcendiam suas próprias demandas. No campo da cultura e sua diversidade isso ficou muito evidente quando se instituiu a “Cidade Hip-Hop dentro do AIJ”.

## 9 - Análise do processo

### 9.1 - Nova geração política

Em sua adaptação ao contexto brasileiro, a “nova geração política” demonstrou uma tensão importante, pois seu ideário se fundamentava mais numa realidade de países do primeiro mundo (e era derivado de muitas lutas como Seattle, Gênova e até mesmo as lutas do tipo “contra cúpulas”, o próprio FSM, Ação Global dos Povos, os Encuentros Intergalácticos dos Zapatistas etc.) do que na realidade latino-americana e brasileira. A possibilidade de aproximação desse conceito de nova geração política com a realidade brasileira afetou a continuidade dos projetos incubados durante a realização dos AIJ. A resistência de organizações brasileiras (partidos, movimentos sociais, estudantil etc.) em relação aos conceitos dessa nova geração política, que traduzem oposição à lógica da hierarquia representativa e consolidação do poder estatal, apresentou-se como limite para a concretização permanente das práticas propostas, não tendo viabilidade política para instaurar-se no contexto brasileiro.

Entretanto, o que percebemos são inserções mais pessoais e individuais dos jovens em movimentos e organizações mais autônomos, em redes de resistência e outras práticas mais ligadas às práticas sociais experienciadas no AIJ (economia popular solidária, auto-sustentabilidade, livre comunicação etc.).

Podemos sintetizar essa categoria, importada das mobilizações e protestos da juventude mundial e adaptada ao AIJ e seus protagonistas, nos seguintes itens:

#### No plano da gestão do AIJ:

- horizontalidade, ação direta e autogestão;
- pluralidade, não à luta por hegemonia;
- instituição de ações concretas de economia popular e solidária.

#### No plano das relações com o “mundo adulto”:

- interação com membros dos comitês nacional e internacional do FSM;
- negociação com os aparelhos estatais;
- relações com mídias diversas.

#### No plano das lutas nacionais e internacionais – de juventude – e criação de redes:

- engajamento nas lutas e campanhas contra globalização;
- radicalidade dos sonhos de liberdade e paz;
- liberdade de orientação sexual e lutas ecológicas;
- manutenção das utopias e do “outro mundo possível”;
- pluralidade no engajamento de discursos diversos, assumindo outras bandeiras de luta.

#### No plano individual (pessoal):

- manutenção da disponibilidade para a ação gestada no espaço familiar e geracional;
- expressão de “brilho nos olhos”, afetos e “bom humor”;
- expressão do limite, do cansaço e das decepções (ideológicas, partidárias etc.).

#### No plano conceitual:

- esgotamento do conceito de juventude como categoria (apropriada que teria sido pelo capitalismo = consumo e pelos aparelhos partidários = como concessão para entrar nas regras).

## 9.2 - Relação geracional

Muitos dos jovens do COA tiveram aprendizados políticos dentro de suas próprias relações familiares. Muitos tiveram pais militantes dentro de partidos políticos e outras inserções sociais. Além disso, os membros do COB do FSM regulavam com a idade dos pais dos membros do COA. Esses vínculos geracionais mesmo separados pelos diferentes contextos econômicos, sociais e políticos trouxeram elementos formativos da nova geração política, que soube aprender sem copiar e agir sem tutela. Isso não foi tão simples assim, teve suas repercussões nas buscas concretas de autonomizações nas práticas desses jovens.

As interações com Estado, partidos políticos, governo, entidades e organizações também permitiram um aprendizado com a lógica adulta por meio das intensas negociações, nas demandas por recursos materiais para a realização do AIJ e nas necessidades de saúde, segurança, água, higiene etc.

A relevância da situação estudada pode ser compreendida também a partir das manifestações do “mundo adulto” que interagiu com a juventude do AIJ. O depoimento para esta pesquisa, de um dos organizadores, ou melhor, componente da coordenação internacional e nacional do FSM (Sérgio Haddad) demonstra isso: “[nova geração política...] *Não tenho dúvidas, tivemos no Brasil 25% das pessoas ali no AIJ. É muita coisa, principalmente se considerarmos o desinteresse generalizado da população com o tema da política. Mas há que ver também com outros fatores: a forma nova como o FSM foi organizado, mais horizontal; a relação entre cultura e política; a criação de um espaço próprio dos jovens que é a sua cara; a forma quase livre e gratuita de organização; a festa, o lúdico, o espiritual, a discussão, o namoro e o encosto, enfim, uma forma nova de fazer com que mais ou menos conscientes da política ‘estrito senso’ e não conscientes, artistas, malucos e outros mais pudessem se encontrar com liberdade para agir e conversar. Acho que daí nasce, sim, ‘uma nova geração’. Tenho acompanhado alguns que se formaram politicamente neste espaço e estão até hoje na luta e na busca por um outro mundo possível*”.

Vale ainda destacar que a relevância deste estudo tem canais diretos com a perspectiva geracional dos estudos de juventude quando feitas comparações entre aqueles jovens dos anos 60 e 70 e esses do início do século XXI. O contexto político do país, democrático na sua fundamentação, permite que as ações e desafios propostos para “um outro mundo possível” estejam no plano da visibilidade, da interação e da clara demarcação da diversidade como força vital para esse momento. Com a nomenclatura NGP – Nova Geração Política, os jovens do COA estão apostando em inserções que superaram a ação clandestina, do codinome e das manifestações e protestos dissociados de uma clara mediação da prática, seja em meios alternativos de comunicação, no campo da assessoria a projetos alternativos e em inserções concretas no terreno da produção de bens (especialmente daqueles relacionados com a agricultura, na forma de cooperativas e pequenos produtores, através da economia popular e solidária). Além disso, há uma visibilidade presente na escolha de cursos universitários e pós-graduação.

## 10 - Considerações finais

Ao final deste extenso trabalho, iniciamos as considerações finais afirmando a sua limitação, que constitui mais um levantamento de possibilidades de estudo de um objeto muito amplo e necessitaria ser retomado sob recortes mais específicos de pesquisa e análise. Durante as entrevistas, os próprios jovens do COA manifestaram o desejo de realizar uma sistematização dessa experiência, haja vista a riqueza e profundidade das experiências e dos aprendizados vividos. Agrupamos, a seguir, dois conjuntos de reflexões que expressam também a nossa aprendizagem e vontade de compreender mais profundamente essa situação-tipo.

### 10.1 - Continuidades. O pós-Acampamento!

Há, entre os membros do COA, uma continuidade de suas ações que se encontra diretamente relacionada com a rica experiência adquirida durante as diversas edições dos AIJ e com seus tempos de preparação (anterior aos AIJ) e avaliação (posterior

aos AIJ). Nas entrevistas e documentos a que tivemos acesso é possível observar uma tendência ao respeito da “pedagogia” dos tempos:

- a) jovens com inserções clássicas dentro dos partidos, das pastorais, do movimento estudantil e de grupos culturais (Hip-Hop) – antes das edições do FSM e do AIJ;
- b) jovens com práticas durante as edições do AIJ que exigiram uma atitude de disponibilidade para aprender de tudo a partir do campo concreto da gestão de um espaço plural (com todas as repercussões políticas: relacionamentos com a cidade, com os outros jovens seus pares, com o mundo adulto do FSM e com as políticas públicas);
- c) jovens com ações posteriores na forma de projetos alternativos (comunicação, assessoria a pequenos agricultores, inserções em projetos ecológicos e de economia solidária) envolvendo tanto vidas individuais (cada um tentando resolver suas pendências com o campo da formação profissional) como vidas coletivas (através de redes de pertença que se entrelaçam tanto por vidas partilhadas num mesmo espaço físico como nos espaços virtuais).

Os desdobramentos ou resultantes das diversas edições do AIJ com a formulação de políticas públicas no Brasil: talvez possam ser observadas influências em certas políticas que estão sendo implementadas, como no exemplo do Ministério da Cultura na administração do ministro Gilberto Gil, que apresenta projetos como os Pontos de Cultura, que têm proximidade com alguns conceitos trabalhados no AIJ nesse mesmo campo. A expectativa dos jovens estaria bem mais representada se houvesse uma política mais explícita na direção de projetos de geração de renda e emprego por meio da economia popular e solidária, experienciada durante o AIJ em suas últimas edições com marcas do possível e do concreto. Mesmo que exista esse setor no atual governo federal coordenado pelo economista Paul Singer, ele não está conectado com o mundo dos jovens, mesmo havendo referenciais juvenis para essas experiências.

Resta um desdobramento importante de tudo que ocorreu durante os diversos AIJ e que incide sobre a formulação de políticas públicas de juventude. Nas entrevistas e textos do COA os jovens insistem na sua autonomia por meio de políticas que favorecessem somente a alocação de recursos ou de espaços para diversos projetos e deixassem a concepção, o mérito e a gestão por sua conta. Esta passagem da entrevista de Rodrigo é quase auto-explicativa a esse respeito: *“O diferencial entre o que o governo faz e propõe é que os jovens demandam essa herança da experiência dos AIJ: um espaço físico que contemplasse a criação de um telecentro, uma incubadora e posto de venda de iniciativas cooperativadas, um espaço de atividades culturais, (...) um espaço gestado por jovens, direcionado principalmente a jovens, através do que fosse possível, de expressão cultural e geração de emprego e renda”*.

O alerta desse jovem também propõe algo que transcende a área dos direitos específicos dos jovens (trabalho, educação, liberdade de expressão sexual etc.) e efetivamente traduz o intransferível aprendizado dos tempos do AIJ que representa a instância da “gestão” (tanto no plano do Acampamento em si como no plano mais público, nas inúmeras interações com governos, mídia, público em geral).

## 10.2 Aprendizagens com base na situação-tipo

1. Não há como administrar esse espaço, mesmo de curta duração, com o número de participantes do último AIJ. Trinta e cinco mil pessoas se torna uma quantidade de gente, de situações imprevistas que comprometem a gestão da Cidade das Cidades e o sucesso de qualquer projeto alternativo. As demandas por segurança e infra-estrutura dominam a agenda e não permitem nenhum tempo para reuniões, experiências, discussões etc.

2. Há uma espécie de transição entre o que garantia a materialidade dos jovens para se dedicarem ao AIJ (em todas as suas etapas) antes e após o último AIJ de 2005: os jovens do COA saíram de uma condição de “profissionalizados” pelo partido e com inserção clara dentro da máquina estatal para uma “carreira solo”, isto é, atualizando sua profissão, trabalhando em situações de inserção e não de CCs (cargos de confiança) e concluindo seus estudos. Esse desmame tem sido fértil na vida dos jovens (ver entrevistas do coletivo do COA).

3. Pelos desdobramentos pós-AIJ, no plano individual e coletivo das ações dos jovens do COA, do Hip-Hop e dos que estão mais isolados (Rodrigo), existem sinais de uma “formatação” dessa nova geração política com base em alguns elementos detectados ao longo das entrevistas, documentos e e-mails.

3.1 – Combinação de elementos originados nas lutas dos jovens a partir dos anos 60, agora em nova conjuntura, sem os anúncios de um futuro apoiado no socialismo existente, e sim de um “novo mundo possível”, mesmo que estejam presentes conceitos e linguagens das lutas dessa época (antiglobalização, neoliberalismo etc.).

3.2 – A expressão “valor de uso e valor de troca” dentro da tradição marxista fica marcada pelos contrastes entre eles. O primeiro estaria mais próximo das novas práticas políticas de inserção dos jovens que participaram das edições do AIJ, práticas essas que se aproximam do espírito que garante ganhos a longo prazo e dentro de um sentido comunitário/solidário de convivências entre os homens e seus projetos; enquanto o segundo seria representado pela “profissionalização” da política como forma de obtenção de resultados a curto prazo (tipo eleitoralmente positivo).

3.3 – As insistentes palavras dos jovens a respeito de “concretizarem” durante os AIJ aquilo que era apresentado nas reuniões, encontros, seminários, debates e textos de parte do mundo adulto do FSM estão dentro dessa categoria “nova geração política” como forma de expressar como essa categoria foi RESSIGNIFICADA pelos brasileiros (pois foi influência internacional dos grandes protestos de Seattle, Gênova etc.). E nessa adaptação houve uma confluência também com o “entorno político” de Porto Alegre pela experiência da “democracia direta” via orçamento participativo. Em outras palavras, os jovens se mobilizaram por demandas de ação, tanto durante como depois da realização do AIJ como parte de uma democracia DIRETA em contraposição ao instituído da democracia representativa, com seus limites operacionais e sua composição pela tradição “eleitoral”. O novo também pode ser entendido como os jovens tendo uma VISÃO PROPOSITIVA em suas ações e não “propondo” o fim do Legislativo ou outra forma de aposta exclusiva numa via institucional.

3.4 – As práticas dos jovens tanto no AIJ como em suas inserções de agora (trabalhos, assessorias, projetos alternativos) estão na linhagem de bandeiras também internacionalistas (que mobilizaram a JUV para o cenário político internacional e local):

- a) **anticapitalismo** (economia solidária);
- b) **horizontalidade** (aposta nos grupos e redes de conexões, virtuais ou não);
- c) **ações diretas** (menos mediações adultas e de organismos como partidos e aparelho do Estado). Não se eliminam, mas se utiliza dos aparelhos (sendo filiados e com ONGs ligadas ao Executivo via financiamento para projetos alternativos).

## Notas

- 1 Expressão retirada da contribuição reflexiva de Alberto Melucci a respeito da dinâmica dos jovens em fazerem parte de projetos, iniciativas, ações e outras formas de “pertença” (para além das clássicas formas, como movimentos estudantis, partidários etc.).
- 2 As edições do FSM e do AIJ realizadas no Brasil (Porto Alegre) foram quatro. Neste texto incluímos a realização do FSM e do AIJ na Índia, em 2004.
- 3 TIRELLI, Janice. Os jovens anticapitalistas e a ressignificação das lutas coletivas. In: PERSPECTIVA. Florianópolis, v. 22, n.º 2, p. 451-470, jul.-dez., 2004.
- 4 Também incluímos outros jovens e organizações na pesquisa com objetivo de colher outros registros, complementares aos dos jovens do COA.
- 5 Ver Tabela 5 – FSM publicada pelo Ibase.
- 6 PT era o partido de filiação dos pais desses jovens que eram militantes ativos tendo exercido cargos político partidários nas administrações “populares” (PT e alianças) e até mesmo exercendo mandatos legislativos.
- 7 Fundação Economia e Estatística do Rio Grande do Sul.  
[http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg\\_populacao\\_tabela\\_03.php?ano=2005&letra=P](http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/pg_populacao_tabela_03.php?ano=2005&letra=P)
- 8 A noção de espaço foi uma das mais tensas discussões entre as diversas correntes do “mundo adulto” que compunha o FSM. Whitaker escreve extensivamente a esse respeito buscando demonstrar que o emprego de espaço estava imbricado com a superação de manifestações e eventos clássicos de resistência ao processo de globalização e de outras ações clássicas da esquerda. Os jovens do AIJ e em especial os do COA expressaram a mesma ênfase que predominou na caracterização do FSM: favorecer espaço como lócus do encontro da diversidade e de estímulo ao novo e “desruptivo”, contrariamente ao FSM (e também ao AIJ) se tornar portador de um único documento, uma “definição do que fazer” através de “uma agenda única”.
- 9 Alertamos que posteriormente trataremos dessa interação dos jovens do COA especialmente nos seus aspectos da autogestão, princípio da horizontalidade, segurança e aplicabilidade desses conceitos do FSM na dinâmica do AIJ.
- 10 Depoimento gravado em entrevista coletiva do COA.
- 11 As passagens transcritas da clípgem feita dos dois principais jornais de Porto Alegre, Zero Hora e Correio do Povo, são identificadas pelas iniciais ZH e CP. Os destaques no texto são de nossa autoria para fins de identificação das ênfases dadas por esses meios de comunicação, e assim faremos até a realização do quinto AIJ.
- 12 A incontestada liderança dentro do COA do jovem André Mombach se faz decisiva nesse tema. Ele viajou e participou dos protestos internacionais, especialmente em Gênova, e como decorrência houve a filiação aos GRG (Grupos de Resistência Global).
- 13 Mesmo sem polemizar com a pessoa do membro do COA, André Mombach, a imprensa revela a presença dele em duas funções, uma de membro do comitê de juventude do FSM e também como representante do Estado no Acampamento. Esse registro simples atesta a ação imbricada dos governos petistas na efetivação do AIJ.
- 14 Eixos retirados do material do site do Fórum Social Mundial: [www.forumsocialmundial.org](http://www.forumsocialmundial.org).
- 15 Texto retirado do documento fornecido pelos jovens do COA: “Comitê de Juventude do Fórum Social Mundial”, s/d. Pelo seu conjunto se deduz que seja texto pré-1.º FSM.
- 16 Entrevista, em julho de 2007, por correio eletrônico, com o jovem Rodrigo Nunes, que hoje reside em Londres, em tempos de formação (estudos de pós-graduação).
- 17 Entrevista de Ana Paula de Carli, concedida em conjunto com outros integrantes do COA. I.
- 18 Entrevista de Julia Coelho, idem.
- 19 Entrevista de Matheus Zimermann, idem.

## Referências Bibliográficas

LEITE, José Correa. *Fórum Social Mundial. A história de uma invenção política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente. Movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

NETTO, Kiko. *Uma nova geração política afirma-se no Acampamento Intercontinental da Juventude*. IN: Democracia Viva. Ibase. Rio de Janeiro, n.º 30, p. 40-47, janeiro a março, 2006.

TIRELLI, Janice. *Os jovens anticapitalistas e a ressignificação das lutas coletivas*. In: Perspectiva. Florianópolis, v. 22, n.º 02, p. 451-470, julho a dezembro, 2004.

WHITAKER, Francisco. *O desafio do Fórum Social Mundial. Um modo de ver*. São Paulo: Co-edição Fundação Perseu Abramo e Edições Loyola, 2005.

## - ANEXO I -

### O ACAMPAMENTO EM IMAGENS

As imagens a seguir fazem parte do acervo disponibilizado eletronicamente pelos participantes do COA, que possuem os créditos delas. Nossa intenção é apresentar um pouco da estética do Acampamento, do seu cotidiano e as práticas implementadas, destacando rostos, imagens e expressões de uma juventude que esteve presente e construiu essa experiência.

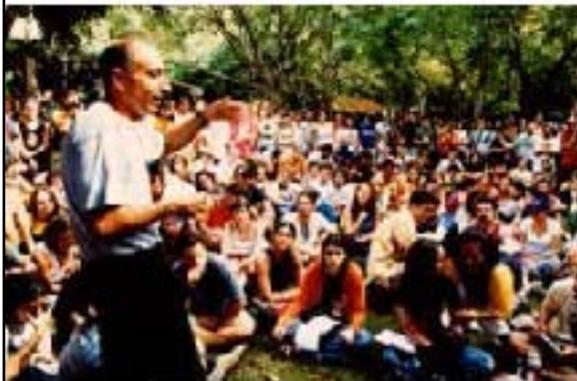
Vista da orla do Guaíba, Parque da Harmonia e Usina do Gasômetro, espaços em que eram realizados os Acampamentos



#### 1.º Acampamento em 2001

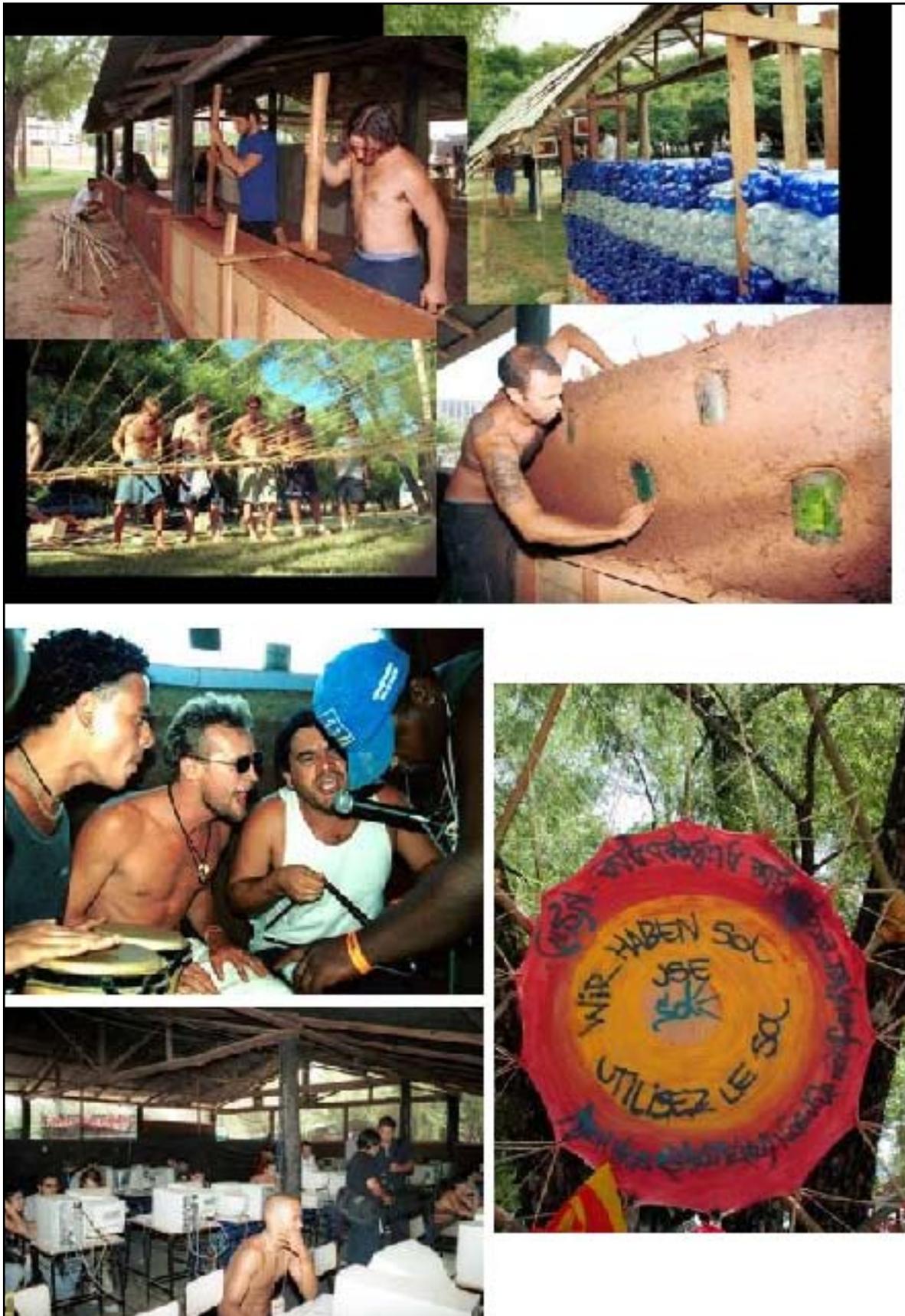


## 2.º Acampamento em 2002



**Práticas implementadas:**

Bioconstrução, rádios comunitárias, moeda social, software livre.



**Conceitos, prática e espaços:**

Descentralização da cultura, alimentação alternativa, usina de reciclagem, laboratório Intergalactika, livre comunicação, Cidade Hip-Hop e bandeira das bandeiras.



### Cotidiano do Acampamento

Espaço de encontros e reconhecimento de identidades, marcha dos pelados, Acampamento em Mumbai – Índia, manifestações da diversidade.



## **- ANEXO II -**

### **Informativo Comitê de Juventude do Fórum Social Mundial**

Diversas organizações do campo da Juventude, da Criança e do Adolescente, juventudes partidárias e jovens engajados estão construindo o Acampamento Intercontinental da Juventude. O objetivo é congrega a juventude, propiciando a participação no Fórum Social Mundial, constituindo-se em um importante espaço de mobilização da juventude.

Propomos que as atividades culminem na apresentação de um manifesto da juventude contra o neoliberalismo, citando as resistências ao desmonte da educação, as alternativas de trabalho diferentes da lógica do capital e a luta da juventude contra as opressões específicas (referentes à livre orientação sexual, étnico-racial, gênero etc.). E, ainda, seja capaz de construir saldo organizativo para ação da juventude. Queremos construir um calendário de mobilização intercontinental da juventude, com ações e campanhas unificadas. Acreditamos que nos cabe a responsabilidade de tratar, formular e avançar no debate sobre o papel da juventude, e a disputa da mesma, na construção de um outro mundo.

Os nossos mais diferentes matizes convergem no entendimento de que a juventude é um momento privilegiado na vida do indivíduo, é nessa fase que ocorrem as suas grandes opções. Compreendemos que essas opções de mundo devem ser disputadas. E mais, que devemos realizar disputa ideológica da juventude.

Temos sido surpreendidos pela disposição de engajamento pró-fórum e acampamento, e também pela capacidade que temido o Comitê de Juventude, em procurar um marco sustentador de ações coletivas. Distante das eventuais, em muitos momentos freqüentes, disputas por espaço entre as diferentes formas de organização da juventude. Acreditamos que esse grau de unidade política será capaz de dar conta das necessidades e responsabilidade na condução do acampamento.

Porto Alegre constitui-se numa importante referência de luta contra as políticas neoliberais implementadas pelas elites econômicas mundiais. A experiência de participação popular forjou ao longo de 12 anos de Administração Popular um novo modelo de relação entre governo e sociedade. Uma geração de jovens já convive e interage com os princípios da participação ativa e propositiva, na perspectiva de ser sujeita e construtora de sua história. Essa juventude tem um importante papel a desempenhar neste Fórum Social Mundial, afirmando os valores da participação e da solidariedade.

A proposta de Acampamento é construída na perspectiva de afirmação desta experiência e da juventude enquanto sujeita ativa da transformação.

Não concebemos que caibam exclusivamente à juventude as definições sobre suas ações. Temos disposição de construir este debate com os demais sujeitos que apostam no potencial e na possibilidade de a juventude ter lugar e papel na luta política.

**Comitê de Juventude do Fórum Social Mundial**